REVISTA

COR

LGBTQIA+

Nº 8



TEMA LIVRE

COR LGBTQIA+
Curitiba, v. 1, n. 8, jan. 2025
Publicação semestral da Faculdade de Direito - Setor de Ciências Jurídicas
Universidade Federal do Paraná
Praça Santos Andrade, 50 - Centro, Curitiba - PR, 80020-300

ISSN 2764-0426

PROJETO GRÁFICO

ISABEL CECCON IANTAS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS

Revista COR LGBTQIA+. – n. 8, v. 1 (jan. 2025). Curitiba, 2025.

Semestral.

Endereço eletrônico:
https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/

ISSN 2764-0426.

1. Pessoas LGBTQIA+ - Periódico.

CDU 342.7

Bibliotecário: Pedro Paulo Aquilante Junior – CRB-9/1626

A Revista COR LGBTQIA+ é um periódico com caráter técnico-científico, com periodicidade semestral, publicado em formato digital pela primeira vez em julho de 2021, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, em conjunto com a equipe COR, formada por estudantes, militantes, professoras(es) e pesquisadoras(es) de todo o Brasil.

Seu surgimento veio de uma demanda do movimento estudantil LGBTI+ por um espaço para publicação e discussão a respeito das pautas e conteúdos relacionados à temática de gêneros e sexualidades.

Tem como objetivo reunir as mais relevantes pesquisas e trabalhos com a temática LGBTQIA+, promovendo a pesquisa científica e a produção de trabalhos de excelência. Seu intuito é difundir e publicizar temas urgentes para o movimento, visando a democratização do conhecimento produzido neste campo e o diálogo com as diversas áreas do conhecimento que integram o escopo proposto.

EQUIPE EDITORIAL

LEANDRO FRANKLIN GORSDORF | ANABELLA PAVÃO DA SILVA | JOANA ZILLER | DENISON MELO DE AGUIAR | LEANDRO REINALDO DA CUNHA

COMITÊ CIENTÍFICO

ALBERTO JOÃO NHAMUCHE | ANABELLA PAVÃO DA SILVA | ANA PAULA MARTINS HUPP | ANDREI DOMINGOS FONSECA | ANGELA COUTO MACHADO FONSECA | ANNA CAROLINA HORSTMANN AMORIM | ARTHUR ROGOSKI GOMES | BÁRBARA DUTRA FONSECA | CARLA CARDI NEPOMUCENO DE PAIVA | CAROLINA ROMANAZZI FREIRE | DANDARA RUDSON SOUZA DE OLIVEIRA | DANIELI KLIDZIO | DENISON MELO DE AGUIAR | EDUARDO LIMA | ÉLIDA SILVA FERREIRA | ELIVELTON MAGALHÃES LIMA | EMILLY JOYCE OLIVEIRA LOPES SILVA | EWERTON DA SILVA FERREIRA | FERNANDA MARIA MUNHOZ SALGADO | FERNANDO DA SILVA CARDOSO | GUSTAVO BORGES MARIANO | HADASSA FREIRE DA SILVA GONÇALVES SANTOS | HELOISA PANCOTTI | HIDERLINE C. DE OLIVEIRA | ISABEL CECCON IANTAS | JAC RIBEIRO | JAQUELINE CARVALHO QUADRADO | JEAN COSTA SANTANA | JEZIEL SILVEIRA SILVA | JOALISSON OLIVEIRA ARAUJO | JOANA ZILLER | LEANDRO FRANKLIN GORSDORF | LEANDRO REINALDO DA CUNHA | LUCAS CAPITA QUARTO | LUÍSA DE FREITAS LOPES | MANOEL RUFINO DAVID DE OLIVEIRA | MARCIO NICOLAU | MARIA FERNANDA PIRES | MARINA DE FÁTIMA DA SILVA | NIZAR AMIN SHIHADEH | PÉRICLES DE SOUZA MACEDO | RAFAEL DOS REIS AGUIAR | RAPHAEL DE ANDRADE RIBEIRO | ROGÉRIO MELO | THABATA VIEIRA ARECHAVALETTA | TIAGO DA SILVA ANDRADE | WALDYR BARCELLOS JUNIOR | WEZELLEY CAMPOS FRANÇA | WILLIAM ROSLINDO PARANHOS

SUMÁRIO

ENSAIOS 05

Corpos monstruosos, grotescos e *queer* em séries americanas: ensaio sobre teoria *queer* e audiovisualidade 06
Leonardo Magela Lopes Matoso

ARTIGOS CIENTÍFICOS 21

Investigando tabus: o mapeamento das dissertações da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) acerca das temáticas de identidade de gênero e sexualidade 22
Danrvney Christian Monteiro dos Santos
Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki

A taxonomia dos mais-que-animais: uma análise crítica animal dos discursos trans-patologizantes 42
Isabelly Cabral
Daniel Judá Lima de Oliveira
Thalita Suyane Costa Silva
Jailson José Gomes da Rocha

ENSAIOS

CORPOS MONSTRUOSOS, GROTESCOS E QUEER EM SÉRIES AMERICANAS: ENSAIO SOBRE TEORIA QUEER E AUDIOVISUALIDADE

CUERPOS MONSTRUOS, GROTESCOS Y QUEER EN LA SERIE AMERICANA: ENSAYO SOBRE TEORÍA QUEER Y AUDIOVISUALIDAD

Leonardo Magela Lopes Matoso [1]

Resumo: a representação de gêneros, sexualidades e corpos não normativos tem sido uma constante em produções audiovisuais, especialmente em séries de televisão. No entanto, muitas vezes o espectador não estabelece uma conexão explícita entre essas representações e as discussões epistêmicas sobre identidade e diversidade, limitando a percepção dessas imagens a grupos dissidentes que se veem retratados sob uma ótica considerada, em alguns casos, como cômica ou "estranha". Nesse contexto, as teorias Queer desempenham um papel fundamental, pois proporcionam um embasamento teórico necessário para entender as dinâmicas de representatividade em temas de grande relevância social. O objetivo deste ensaio é refletir sobre a importância das produções Queer na audiovisualidade estadunidense, explorando como essas produções contribuem para a visibilidade e representatividade de identidades marginalizadas. Para alcançar esse objetivo, foi desenvolvido um ensaio teórico e reflexivo, fundamentado nas ideias de Theodor Adorno (1985), a partir de uma análise narrativa da literatura existente. Foram utilizadas de obras de autores(as) como Steven Seidman (1996), David Halperin (2003), Itziar Ziga (2009), Richard Miskolci (2013), Judith Butler (2019), Jack Halberstam (2020), Nilton Milanez (2022), entre outros(as). A partir dessa revisão, foram identificadas representações Queer em diversas séries, como I May Destroy You, Euphoria, Sex Education, Bob Esponja, Meninas Superpoderosas, entre outras. Embora cada uma dessas produções apresente suas especificidades, todas compartilham a presença de personagens Queer, os quais, frequentemente, estão inseridos no contexto da Indústria Cultural. Essas produções funcionam como espaços de contestação e ruptura com as normas que instituem e legitimam determinadas identidades, enquanto marginalizam outras. Tal dinâmica permite uma reflexão crítica sobre os processos sociais que contribuem para a marginalização e discriminação de indivíduos não reconhecidos no campo social e midiático, fenômeno este que, por sua vez, é transposto para o universo da audiovisualidade.

Palavras-chave: teoria Queer; audiovisualidade; séries de televisão; liberdade.

Resumen: La representación de géneros, sexualidades y cuerpos no normativos ha sido una constante en las producciones audiovisuales, especialmente en las series de televisión. Sin embargo, a menudo el espectador no establece una conexión explícita entre estas representaciones y los debates epistémicos sobre identidad y diversidad, limitando la percepción de estas imágenes a grupos disidentes que se ven retratados desde una óptica que, en algunos casos, se considera como cómica o "extraña". En este contexto, las teorías Queer juegan un papel fundamental, ya que proporcionan una base teórica necesaria para comprender las dinámicas de representatividad en temas de gran relevancia social. El objetivo de este ensayo es reflexionar sobre la importancia de las producciones Queer en la audiovisualidad estadounidense, explorando cómo estas producciones contribuyen a la visibilidad y representación de identidades marginadas. Para alcanzar este objetivo, se desarrolló un ensayo teórico y reflexivo, fundamentado en las ideas de Theodor Adorno (1985), a partir de un análisis narrativo de la literatura existente. Se utilizaron obras de autores y autoras como Steven Seidman (1996), David Halperin (2003), Itziar Ziga (2009), Richard Miskolci (2013), Judith Butler (2019), Jack Halberstam (2020), Nilton Milanez (2022), entre otros. A partir de esta revisión, se identificaron representaciones Queer en diversas series, como *I May Destroy You*, *Euphoria*, *Sex Education*, *Bob Esponja*, *Las Chicas Superpoderosas*, entre otras. Aunque cada una de estas producciones presenta sus especificidades, todas comparten la presencia de personajes Queer, los cuales, frecuentemente, están insertados en el contexto de la Industria Cultural. Estas producciones funcionan como espacios de contestación y ruptura con las normas que instituyen y legitiman determinadas identidades, mientras marginan otras. Tal dinámica permite una reflexión crítica sobre los procesos sociales que contribuyen a la marginación y discriminación de individuos no reconocidos en el ámbito social y mediático, fenómeno que, a su vez, se traslada al universo de la audiovisualidad.

Palabras clave: teoría Queer; audiovisualidad; series de televisión; libertad.

[1] Doutorando e Drag da Psicanálise, Psicolinguística, Enfermagem e Jornalismo. Bolsista da CAPES/CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

1 NOS MEANDROS DA QUEERGENERIDADE AUDIOVISUAL

A audiovisualidade sempre exerceu, e provavelmente continuará exercendo, o papel de um refúgio flexível e representativo para a comunidade LGBTQIAPN+[2], sendo um espaço de expressão *Queer*. Mesmo que, em muitos casos, ela apresente imperfeições devido às mudanças e inovações constantes nas produções, a experiência de se ver representado, camada por camada, numa tela de televisão ou dispositivo móvel, oferece uma vivência horizontal de afeto.

Esse afeto, que permeia as produções audiovisuais, desperta o anseio por pertencimento. O desejo de pertencimento, por sua vez, pode se manifestar de diferentes formas: de maneira vertical, através das relações familiares (como entre pais, avós, filhos, netos), ou de forma horizontal, por meio de relações afetivas mais amplas, como amizade, representatividade e amor. É precisamente nessa dinâmica afetiva horizontal que a emoção proporcionada pelas produções audiovisuais se revela.

Nesse contexto, o conceito de audiovisualidade surge como uma chave para entender como essas produções geram e transformam tais emoções. Ele se refere ao fenômeno dinâmico e multifacetado das manifestações audiovisuais que envolvem a interseção entre som e imagem, seja no cinema, na televisão, na internet ou em outras plataformas digitais. Esse termo vai além do conteúdo audiovisual em si, abrangendo também a forma como essas produções se atualizam e se transformam ao longo do tempo. Como propõe Da Silva (2007), a audiovisualidade é uma "virtualidade que se atualiza como audiovisual (cinema, vídeo, televisão, internet), mas permanece simultaneamente em devir" (Da Silva, 2007, p. 146), indicando sua fluidez e capacidade de refletir transformações culturais, tecnológicas e sociais, e, assim, moldar e ser moldada pelas experiências afetivas e identitárias que promovem.

Durante minha infância, fui imerso em diversas camadas e nuances de séries e filmes estadunidenses, cujas narrativas, hoje, posso reconhecer como experiências *Queer*. Produções como *Star Wars*, com as figuras do Mestre Yoda e Chewbacca; *Smallville*, ao apresentar Clark Kent como um ser extraterrestre que reflete a normatividade heterossexual; *Carrie – a Estranha*, ao abordar o bullying contra uma garota bissexual que vivencia a exclusão social; e até mesmo na animação *Meninas Superpoderosas*, com o vilão afeminado Ele, que é representado como uma figura demoníaca. Todas essas produções, entre tantas outras como *Seinfeld*, *Fera Radical* e *Caverna do Dragão*, engendraram invenções teóricas e estéticas que atravessaram o cinema e as produções audiovisuais com potenciais *Queer*.

De forma semelhante às produções mencionadas, e utilizando diferentes códigos discursivos, séries como *Euphoria* (HBO Max, 2019) e *Sex Education* (Netflix, 2019) emergem

[2] A Sigla LGBTQIAP+ refere-se, respectivamente, a identidade/expressão sexual dos grupos minoritários relacionados as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não Binários e outras dissidências que pertençam a esse sistema.

no cenário audiovisual global com uma abordagem inovadora sobre juventude, sexualidade e identidade. Durante suas primeiras temporadas, ambas as séries subvertem os códigos tradicionais da ficção adolescente, propondo uma perspectiva mais inclusiva sobre sexualidade do que a abordagem convencionalmente desenvolvida em produções desse gênero.

Na escola, cenário que passam ambas as séries e que é palco de descobertas, *bullying*, drogas e sexo, tem-se intrínseco discursos que reverberam o potencial educativo e elucidativo da audiovisualidade, ver-se a necessidade discursiva de trabalhar perspectivas *Queer*. A *queergeneridade* se transfere da tela para realidade insurgente, uma vez que tais espaços são fundamentais na socialização e na construção de subjetividades, como afirma Gracia Trujillo (2015).

Ao analisar as representações da diversidade sexual, de gênero, raça e outras identidades, evidencia-se a importância de compreender os discursos que estão sendo transmitidos pela mídia, especialmente para o público jovem e vulnerável, que muitas vezes se vê refletido nas telas. Essas representações frequentemente revelam corpos não normativos, considerados "monstruosos" ou "grotescos" pela sociedade. A mídia tem sido um reflexo dessa estigmatização de identidades desviantes, como transgêneros, bissexuais, homossexuais, pessoas com deficiência, entre outros. Séries como *Euphoria*, com personagens como Jules Vaughn (transsexual), Rue Bennett (bissexual) e Kat Hernandez (Suicide Girl), ou *Sex Education*, com Eric Effiong (homossexual), e até produções menos explícitas como *Bob Esponja* [3] e *Stranger Things*, exemplificam como tais personagens são retratados. Tradicionalmente, esses personagens eram considerados aberrantes, em oposição à "normalidade" heterossexual, como discutido por Harry M. Benshoff (1997), que argumenta que "o monstro está para a 'normalidade' assim como o homossexual está para a heterossexualidade".

Entretanto, como aponta Amara Moira (2020), a representação de personagens *Queer* nas produções televisivas tem se intensificado, refletindo um processo de reivindicação do espaço dessas identidades. O reconhecimento e a afirmação de identidades de gênero e orientação sexual não conformistas têm contribuído para o empoderamento de personagens que, antes marginalizados, agora desempenham papéis centrais e significativos. Tais narrativas permitem observar as dinâmicas de poder e as reconfigurações sociais que ocorrem quando essas identidades, atravessadas por outras dimensões identitárias como raça, classe e religião, são finalmente representadas.

Entretanto, ao contrário das representações que foram comuns na ficção televisiva *teen* antes de 2010, que tipicamente tratavam personagens LGBTQIAPN+ de forma estereotipada e marginal, as séries mais recentes têm apresentado personagens com maior

[3] Apesar do criador da animação Stephen Hillenburg ter definido os personagens Bob Esponja e Patrick como assexuados, os personagens são encarados pelo público LGBTQIAPN+ como gays devidos uma série de episódios que ambos abordam sua atração um pelo outro. Reportagem completa por ser verificado no Portal Metrópoles. Disponível em: https://l1nk.dev/bp6eS. Acessado em: 21 jan. 2025.

profundidade e relevância, criando uma conexão mais autêntica com a realidade *Queer*. Essas produções aproximam a experiência vivida pelos indivíduos *Queer* da audiência, destacando a importância da diversidade nas representações midiáticas.

Com base no exposto, realiza-se o seguinte questionamento, a saber: como as produções *Queer* na audiovisualidade estadunidense contribuem para a reconfiguração da representatividade das identidades dissidentes, e de que maneira essas representações afetam a percepção social e a construção de subjetividades dissidentes?

Este estudo se justifica pela crescente importância da representatividade *Queer* nas produções audiovisuais e pela necessidade de entender como essas representações influenciam a construção de subjetividades e identidades no contexto atual, especialmente em relação ao público adolescente, vulnerável a influências sociais e midiáticas. Neste sentido, o objetivo deste ensaio é refletir sobre a importância das produções *Queer* na audiovisualidade estadunidense, explorando como essas produções contribuem para a visibilidade e representatividade de identidades marginalizadas.

2 METODOLOGIA: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES QUEER NA AUDIOVISUALIDADE

Este estudo se baseia em uma pesquisa exploratória, qualitativa, do tipo ensaístico, fundamentado nos pressupostos de Theodor Adorno (1985). A pesquisa teve como objetivo central analisar e refletir sobre a representação de identidades *Queer* nas produções audiovisuais contemporâneas, com foco na contribuição dessas representações para a visibilidade e a representatividade de grupos marginalizados.

A metodologia envolveu uma revisão narrativa da literatura, que se deu por meio da coleta e análise de artigos científicos, livros e teses publicadas nos últimos 20 anos, nos idiomas português, inglês e espanhol. A seleção das obras foi guiada por seu enfoque nas representações *Queer* dentro do contexto da produção audiovisual, especialmente aquelas que abordam a influência dessas representações nas dinâmicas culturais e sociais. Foram priorizadas fontes que discutissem, de maneira crítica, as implicações sociais e políticas dessas representações e seu papel na construção de identidades e narrativas em mídias como séries de televisão e filmes.

A coleta dos dados foi realizada ao longo de três meses, período no qual foi feito um levantamento cuidadoso de materiais acadêmicos relevantes. A análise dessas fontes seguiu um processo de integração e diálogo com os conceitos-chave da teoria crítica de Adorno, que possibilitaram uma compreensão aprofundada das representações *Queer* quando cruzadas com autores como Judith Butler (2019) e Richard Miskolci (2013) como parte de um fenômeno mais amplo da Indústria Cultural. A revisão narrativa permitiu mapear a evolução das representações *Queer* no audiovisual, identificando padrões e rupturas, e

relacionando-os com as questões de marginalização e estigmatização de identidades não normativas.

A partir dessa revisão, algumas obras foram analisadas de acordo com sua contribuição para a visibilidade e a crítica às normas de gênero e sexualidade. A análise teórica procurou não apenas identificar as representações *Queer*, mas também refletir sobre o modo como estas produções desafiam ou reforçam as normas sociais estabelecidas. Ao longo do processo, buscou-se destacar como as produções audiovisuais funcionam como espaços de contestação cultural, ao mesmo tempo em que atuam dentro dos parâmetros impostos pela Indústria Cultural.

Desta maneira, a metodologia deste estudo procurou combinar uma abordagem teórica robusta com uma análise crítica das produções culturais contemporâneas, visando entender o impacto das representações *Queer* na construção de novas formas de visibilidade e identidade no campo da audiovisualidade.

3 REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E QUEERIFICAÇÃO DA NARRATIVA AUDIOVISUAL

Este estudo parte da premissa de que as discussões sobre audiovisualidade estadunidense, aliadas à Teoria *Queer*, podem fornecer novos meios de pensar e experimentar a liberdade dos corpos que, tradicionalmente, são aprisionados pelas normas normativas de gênero e sexualidade. A normatividade, com sua rígida separação entre masculino e feminino, impõe um cárcere performático aos corpos, regulando as expressões de identidade e desejo. Nesse contexto, a Teoria *Queer* oferece uma poderosa ferramenta crítica para questionar e desafiar essa binariedade ultrapassada e suas imposições.

A partir da perspectiva de Itziar Ziga (2009), a Teoria *Queer*, apesar de ser, por vezes, contestada quanto à sua aplicabilidade em certos contextos acadêmicos, é reconhecida neste estudo como uma área legítima de investigação. Ela nos permite, de maneira esclarecedora, compreender os efeitos estruturais das normas de gênero sobre os corpos e as subjetividades. Em vez de simplesmente aceitar essas normas, a Teoria *Queer* se propõe a desestabilizá-las, mostrando como elas são construídas socialmente e como podem ser transformadas.

Richard Miskolci (2009) aponta que a Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos, na década de 1980, como uma crítica radical às abordagens sociológicas tradicionais que tratavam das minorias sexuais e de gênero. Desenvolvida em departamentos não convencionais, como Filosofia e Crítica Literária, essa corrente teórica ganhou força principalmente através de conferências em universidades de prestígio, onde seu foco estava nas dinâmicas de sexualidade e desejo dentro das relações sociais. A crítica às ciências sociais e o estabelecimento de um diálogo com a teoria social contemporânea, como

exemplificado pelo livro *Queer Theory/Sociology*, ajudaram a solidificar a Teoria *Queer* como uma vertente crucial de análise das normas de gênero e sexualidade.

Ao considerar essas perspectivas, este estudo propõe um olhar atento sobre as representações de gênero e sexualidade nas produções audiovisuais, explorando como elas podem ser uma chave para entender as tensões e as potencialidades de um mundo além da normatividade binária.

O diálogo entre a Teoria *Queer* e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica. O estranhamento *Queer* com relação à teoria social derivava do fato de que, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade (Miskolci, 2013).

O pressuposto heterossexista[4] do pensamento sociológico era patente até nas investigações sobre sexualidades não-hegemônicas. A despeito de suas boas intenções, os estudos sobre minorias sexuais, quando desvinculados de uma crítica ao binarismo de gênero, terminavam por manter e naturalizar a norma heterossexual.

Miskolci (2013) advoga que é complexo traçar o exato nascimento da Teoria *Queer*. Um conjunto de autores, obras, pensamentos e movimentos compõem sua origem. Porém, o fato é que no final dos anos 1980 e início de 1990, a teoria estava em pauta, com autores como Judith Butler (2019), que trouxe à luz da discussão teórica a ideia de gênero como uma performance, parte das normas estruturantes sobre os corpos, questionando as normas e padrões e estabelecendo um crivo desafiador que suscitava o rompimento com a fixidez do binarismo de gênero.

Desde então, a Teoria *Queer* tem sido especialmente influente em estudos literários e na Teoria Feminista, apesar da linha entre ambas serem tênue. Outros autores voltados às análises raciais e pós-coloniais, etnográficas, dentre outros campos, utilizaram-se de ferramentas conceituais provindas da Teoria *Queer*, como pontua Brent Pickett (2015).

Nesse aspecto, a Teoria *Queer* busca abarcar o pressuposto de que as dissidências sexuais são múltiplas e transcendem os corpos, nas várias expressões de pessoas que se identificam como homens, mulheres, não cis gêneros e não binários, não englobando todos apenas em “gays” ou “lésbicas” e reconhecendo que dentro desses grupos há diversos subgrupos, bem como inclui outros grupos que não se encaixam apenas na identificação de sua orientação sexual.

O termo *Queer*, é uma afirmação política de algo que outrora era utilizado como xingamento, busca superar as barreiras impostas por termos binaristas, que definem identidades fixas para cada indivíduo. Não se refere a uma essência, sexual ou biológica. Em

[4] Para Judith Butler (2019) o termo heterossexista refere-se a um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que valorizam e promovem a heterossexualidade como a única forma legítima de orientação sexual, enquanto marginaliza, discrimina ou desconsidera outras orientações sexuais, como a homossexualidade, bissexualidade, entre outras. O heterossexismo está intimamente relacionado ao conceito de heteronormatividade, que é a ideia de que a heterossexualidade é a norma ou padrão social, e todas as outras formas de sexualidade são vistas como desvio ou anomalia.

vez disso, é relacional, um termo indefinido que recebe sua interpretação por ser fora da norma, independentemente de como a norma possa ser definida (Pickett, 2015). *Queer* pode ser aquele movimento que está em desacordo com o normal, o legítimo, o dominante. Não há nada em particular ao que ele necessariamente se refira. É uma identidade que não reporta a uma essência.

Nas palavras do sociólogo Steven Seidman (1996), o *Queer* seria o estudo "daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a 'sociedade' como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais" (Seidman, 1996, p. 13).

Reflete-se ainda que o *Queer* não marginaliza aqueles que estão fora da norma gay ou lésbica, justamente por não possuir fixidez. Conceitos de sexualidade são poupados, dando mais espaço para indivíduos realizarem sua própria identificação com base naquilo que querem enaltecer, como pessoas transgênero (não necessariamente homossexuais). Como há uma tendência no senso comum de estabelecer um determinismo essencialista à identidade e movê-la de seu aspecto histórico, a Teoria *Queer* baseia-se justamente nas ideias do pós-estruturalismo, que procura construir a noção de que identidade é algo mutável ao longo do tempo, e, portanto, não essencial.

Nesse aspecto, os Teóricos *Queer* compreendem a sexualidade como um dispositivo histórico do poder. Logo, um dispositivo é um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, uma verdadeira rede que se estabelece entre elementos tão diversos como a literatura, enunciados científicos, instituições e proposições morais.

Oriundos predominantemente dos Estudos Culturais, os Teóricos *Queer* deram bastante atenção à análise discursiva de obras fílmicas, artísticas e midiáticas em geral, como os do próprio pesquisador Jack Halberstam (2020), Miskolci (2013), Teresa De Lauretis (2007), Guacira Lopes Louro (2004) e Michelle Aaron (2004). Para Louro (2004):

> *Queer* é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser "integrado" e muito menos "tolerado". *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do "entre lugares", do indecidível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2004, p. 8).

Semelhante a ideia de Louro (2004), Halberstam (2020) vê a experiência *Queer* como "associada ao falhar, ao perder, ao esquecer, ao desfazer, mas longe de uma mera negação ou desconstrução; trata-se de um estilo de vida" (Halberstam, 2020, p. 15). Logo, o fracasso

remete a uma ética para aqueles que não "optaram" pelo sucesso ou não conseguem estar no lugar dos bem-sucedidos, no centro do poder. Por isso, a dissidência subalterna é sempre *Queer* e ocupa, na centralidade de várias séries, personagens que fracassam[5].

Já Aaron (2004) pontua que o termo *Queer* pode descrever produtos culturais, estratégias políticas e intervenções críticas. E que no campo da audiovisualidade, tem-se cada vez mais o *New Queer* cinema, um movimento da sétima arte impulsionado nos Estados Unidos depois da epidemia do HIV/AIDS, por volta da década de 80. Onde os filmes *Queer* passaram a ser produtos culturais e artísticos que suscitam intervenções críticas através de estratégias políticas e estéticas que vão de encontro às normatividades de sexo, gênero, raça e classe.

O fenômeno da audiovisualidade, tal como o experimentamos por meio das diversas formas que o atravessam, é resultado das hibridações que ressignificam não apenas os pensamentos, mas também a subjetividade e a maneira como esses materiais são produzidos. Essas hibridações são elementos fundamentais no contexto tecnológico atual, onde a linguagem audiovisual se firma e, muitas vezes, é reafirmada. De acordo com Alberto Abruzzese (2006), a audiovisualidade envolve a transposição de diferentes formas de comunicação — textos, imagens, sons, vídeos — que, ao serem misturadas, criam uma experiência imersiva que ultrapassa a simples interação entre o espectador e o produto. Trata-se de uma relação cúmplice que expande a maneira de habitar e experienciar os materiais consumidos, desafiando o limite entre realidade e ficção, espectador e objeto de consumo.

A partir dessa perspectiva, este estudo reflete e explora também a relação multifacetada entre o sujeito e a máquina de produção audiovisual, observando como a Teoria *Queer* pode lançar luz sobre a maneira como as identidades e os corpos são representados e ressignificados. O objetivo é entender como as narrativas audiovisuais, ao invadir as fronteiras entre o real e o virtual, aproximam o espectador de questões de identidade que, ao mesmo tempo, dialogam com a ficção e a realidade. Em uma análise mais profunda, como sugere Nilton Milanez (2022, p. 18-19), a experiência de consumir conteúdo audiovisual é, muitas vezes, um encontro consigo mesmo. A televisão, por exemplo, proporciona uma experiência estética e libertadora, oferecendo ao espectador a chance de se ver refletido na tela, realizando um movimento de deslocamento tanto de si quanto sobre si.

No que se refere à audiovisualidade e suas representações, em séries como *Euphoria*, é possível observar a performatividade das masculinidades tóxicas, que vão além das discussões sobre identidade *Queer*. A série oferece uma leitura de gênero e sexualidade que

[5] Personagens como Blanca Rodrigues que é uma mulher transexual na série Pose e que sofre humilhação, agressão e uma série de violências psicológicas; Kate de This Is Us que tem obesidade mórbida e é excluída por todos; Arabella Essiede de I May Destroy You, mulher negra e fora do padrão, que foi violentada sexualmente e que tenta descobrir o que aconteceu consigo mesmo; essas e tantas outras personagens ilustram a audiovisualidade e os pressupostos Queer, ao tentarem por meio do fracasso, se reinventarem.

se aproxima de questões sociais mais amplas, ao exibir as complexas dinâmicas de gênero e poder. O corpo masculino, em particular, surge em *Euphoria* não apenas como uma representação de masculinidade, mas como uma performance que está atrelada às construções sociais de gênero. A série, por meio de seus personagens, expõe como as normas de gênero, baseadas em ideais de fixidez e binarismo, moldam a identidade de seus protagonistas. A tensão nas relações entre masculinidade e vulnerabilidade, como exemplificado nas personagens de Nate Jacobs e Cal Jacobs, evidencia como esses corpos performam papéis rigidamente definidos pela sociedade, e como a luta pela afirmação da masculinidade se entrelaça com questões de poder, violência e controle.

Esse tipo de performance, ou seja, a ação de representar uma identidade de gênero imposta socialmente, é central na trama de *Euphoria*. As cenas que envolvem, por exemplo, o confronto de Nate com sua identidade fragilizada ou o comportamento de Tyler, que busca afirmar sua virilidade através de atos agressivos e dominantes, evidenciam a forma como a série articula a ideia de masculinidade como uma construção social insustentável, que está em constante crise e demanda uma reinterpretação. Essas performances, ao questionarem as normas heteronormativas, revelam a vulnerabilidade do corpo masculino e as expectativas irrealistas que a sociedade coloca sobre ele. Dessa maneira, a série não apenas dramatiza as relações entre as identidades *Queer,* mas também expõe as máscaras de poder e controle associadas às performances de gênero dominantes.

Além de Butler (2019), Miskolci (2013) oferece uma ampliação das ideias de performatividade no campo da mídia, enfatizando como a representação de identidades *Queer* em produções audiovisuais não apenas reflete, mas também reinventa as normas sociais. Miskolci nos ajuda a compreender como a mídia atua como um espaço de contestação das normas de gênero e sexualidade, e como essas representações podem tanto reforçar quanto subverter as dinâmicas sociais. A análise de *Euphoria* e *Sex Education* revela, portanto, como essas produções audiovisuais oferecem um campo de resistência, onde personagens *Queer* se tornam símbolos de uma subversão à heteronormatividade. A subversão das normas sociais é particularmente evidente nas narrativas de Jules e Eric, que, ao se desafiarem nas suas trajetórias pessoais, não apenas expõem as limitações das normas de gênero e sexualidade, mas também oferecem alternativas para o reconhecimento e a aceitação da diversidade.

Halberstam (2020) também contribui para esse entendimento, ao discutir como as representações *Queer* podem ser formas de resistência às normas tradicionais. Para Halberstam, a visibilidade das identidades *Queer*, embora muitas vezes marginalizada ou estigmatizada, também pode ser um espaço de reivindicação e de reconfiguração das identidades. As séries como *Euphoria* e *Sex Education* funcionam como exemplares de uma resistência visível, onde personagens como Jules e Eric quebram barreiras e desafiam estereótipos estabelecidos. Halberstam (2020) destaca ainda que a subversão das normas

não ocorre de forma isolada, mas como parte de um movimento coletivo de contestação, o que é claramente observado nas dinâmicas sociais e interações dos personagens dentro de ambas as séries.

Um outro exemplo de audiovisualidade é a série *Special* (Netflix, 2019-2021), onde acompanhamos o personagem Ryan Hayes, um jovem gay com uma leve paralisia cerebral, tentando adequar-se à vida social, mesmo se sentindo um fracasso diante da comunidade LGBTQIAPN+. Outro exemplo significativo é a Princesa Jujuba, de *A Hora da Aventura* (Cartoon Network, 2010-2018), que se descobre apaixonada pela amiga Marceline e precisa lidar com isso, protagonizando, assim, o primeiro beijo lésbico em animações. Essas representações, apesar de abordarem questões distintas, exemplificam como a mídia audiovisual se tornou um veículo de expressões e descobertas de identidades que até pouco tempo atrás estavam marginalizadas ou invisibilizadas.

Nesse sentido, pode-se dizer que as audiovisualidades engendradas, como essas, criam novos modos de interação humana, promovendo uma reorganização sócio-tecno-discursiva das culturas, conforme apontado por Marcelo Salcedo Gomes (2012), que define esse fenômeno como um processo que altera de maneira contundente as formas de interação social. Essas mudanças nas representações de identidade, gênero e sexualidade nas produções audiovisuais não apenas refletem, mas também influenciam a forma como nos relacionamos uns com os outros e como compreendemos nossa posição dentro de diferentes grupos sociais. As produções audiovisuais tornam-se, assim, elementos-chave na redefinição da cultura contemporânea, ao quebrar barreiras de estigma e abrir novos espaços de diálogo e visibilidade para grupos antes excluídos.

É a existência de uma ecologia comunicacional, onde as mediações entre os campos sociais e midiático passam a constituir modos de existência própria. É nesse ponto que a audiovisualidade *Queer* se encontra, tornando a realidade cada vez mais inteligível via processos midiáticos dinâmicos dentro da própria rede comunicacional (Gomes, 2012, p. 199).

A ideia de audivisualidades remete às práticas contemporâneas de assistir, realizar, baixar, armazenar, mixar, comentar, deletar e/ou compartilhar audiovisuais, criando, com essas operações, memórias, histórias, conhecimentos, sentidos e subjetividades que embaralham regimes de verdade, conformam realidades e que, ao invés de apostar em uma argumentação racional, buscam tocar o que é sensível, o emocional.

Destarte, as narrativas do presente são tecidas em redes pelas/audiovisualidades. Trata-se de pensar o audiovisual em sua processualidade e devir, ou, como sugere Suzana Kilpp (2010), como virtualidades que se atualizam, mas, simultaneamente, permanecem em potência, cuja premissa primordial é oferecer àqueles que consomem a possibilidade de se libertar.

O percurso deste artigo – ao articular as teorias *Queer* a audiovisualidade de séries estadunidenses, corriqueiramente vistas como produtos de alta audiência pela Indústria Cultural, na perspectiva de Theodor Adorno (1954) – nos permitiu reconhecer fundamentalmente pontos que nos parecem relevantes para os estudos da Teoria *Queer* e audiovisualidade no campo da comunicação.

O primeiro deles é indicar que existe uma abrangência de produções com personagens *Queer*, mas que, no entanto, boa parte dessas produções não tem esses personagens como os principais da trama. Quase todos que foram discutidos aqui, com exceção de *I May Destroy You* e *Euphoria*, são secundários e ocupam pouco espaço na tela. Isso quando não são postos como vilões ou antagônicos ao protagonismo da série. O problema das dissidências *Queer* – muitas vezes tematizado no campo das sexualidades – tem uma importância ético-política que o transcende e isso precisa ser melhor explorado na audiovisualidade.

Um outro ponto – derivado do primeiro – refere-se à desconstrução dos sentidos hegemônicos produzidos acerca de determinadas obras. Hegemonicamente *Euphoria, Sex Education*, *Smallville,* Meninas Superpoderosas, Bob Esponja e etc., são pensadas desde a perspectiva da crítica ao modo de vida norte-americano. Aqui, sem negar as implicações fundamentais para a cultura que a crítica referida sugere, foi possível perceber o modo como clandestinamente os agenciamentos (*Queer*) produzidos pelas dissidências são capazes de desestabilizar os sentidos da audiovisualidade ao entregar personagens únicos que incomoda, encanta, fracassa, vencem, legitima e liberta.

Diante do exposto, verifica-se a importância da audiovisualidade na representação de corpos *Queer*, uma vez que a exposição desses personagens do ponto de vista da televisão, como aponta Arlindo Machado (2000), revela como a televisão desempenha um papel essencial nas representações da sociedade. Além disso, defende-se ainda que a televisão tem parte importante na formação da identidade do indivíduo, já que os espectadores possuem certa fascinação pelas séries e desenvolvem comportamentos parecidos.

Logo, acredita-se que as discussões no campo da Teoria *Queer* e das afetações audiovisual podem ressignificar valores, crenças, produzir sentidos e libertar corpos que se veem sendo representados na audiovisualidade como sendo corpos passiveis de pertencimento, de voz e de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções audiovisuais desempenham um papel fundamental na visibilidade e na formação das subjetividades, especialmente para as comunidades marginalizadas, como a LGBTQIAPN+. Elas não apenas fornecem uma plataforma para a representação dessas identidades, mas também possibilitam uma experiência sensorial e afetiva que ultrapassa as barreiras do simples entretenimento. Nesse contexto, a audiovisualidade se apresenta como

um fenômeno dinâmico e fluido, capaz de ressignificar os pensamentos e subjetividades à medida que se entrelaçam com novas formas de expressão cultural e social.

Ao longo deste estudo, ficou evidente como a Teoria *Queer*, ao ser aplicada à análise de produções audiovisuais estadunidenses, revela a complexidade das representações de identidade e sexualidade que desafiam as normas binárias e heteronormativas. Séries como *Euphoria* e *Sex Education* ilustram como as narrativas contemporâneas podem desconstruir as formas tradicionais de representação, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e complexa sobre as experiências de jovens em relação à sexualidade e identidade de gênero. Essas produções abordam questões profundas de pertencimento, inclusão e autoidentificação, transformando a televisão em um espaço de reflexão e de questionamento dos padrões sociais.

Entretanto, o estudo também aponta a limitação ainda presente em muitas produções audiovisuais, onde personagens LGBTQIAPN+ frequentemente ocupam papéis secundários, marginalizados ou estereotipados. Embora a presença desses personagens tenha aumentado nas últimas décadas, sua representação continua muitas vezes subalterna, o que restringe o potencial de transformação que a audiovisualidade poderia proporcionar. A representatividade de identidades dissidentes, portanto, precisa ser explorada de maneira mais ampla e profunda, para que a televisão e outras mídias se tornem, de fato, espaços de empoderamento e visibilidade plena.

A crítica às narrativas dominantes e a desconstrução das percepções convencionais sobre gênero e sexualidade são passos essenciais para uma mudança na maneira como a sociedade vê e se relaciona com a diversidade. Ao integrar os conceitos da Teoria *Queer* às produções audiovisuais, podemos compreender como essas representações, ao refletirem e moldarem a realidade, também oferecem aos indivíduos a possibilidade de se verem, se identificarem e se libertarem das imposições normativas que muitas vezes limitam suas existências.

Em última análise, a audiovisualidade tem o potencial de transformar e expandir as fronteiras das identidades, fornecendo uma plataforma para que indivíduos marginalizados possam reivindicar seus espaços, suas histórias e suas subjetividades. As produções audiovisuais, ao explorarem a complexidade das identidades *Queer*, não apenas desafiam as normas de gênero e sexualidade, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, diversa e libertária. Portanto, é fundamental que continuemos a refletir sobre o papel da mídia na construção de identidades e subjetividades, promovendo uma representação que transcenda as fronteiras do binarismo e permita que todas as formas de ser e de viver sejam reconhecidas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

ABRUZZESE, Alberto. **O esplendor da TV**: origens e destino da linguagem audiovisual. Studio Nobel, 2006.

Adorno, Theodor W. **Minima Moralia***:* Reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Sérgio Soares. São Paulo: Editora Ática, 1985.

ADORNO, Theodor W. Television and the Mass Culture Patterns. Quarterly of Film, Radio and Television. **University of California Press**, v. 8, 1954.

AARON, Michele. **New Queer Cinema**: a critical reader. Paperback, 2004.

BENSHOFF, Harry M. **Monsters in the Closet**: Homosexuality and the Horror Film, Manchester: Manchester University Press, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DA SILVA, Alexandre Rocha. Semiótica e audiovisualidades: ensaio sobre a natureza do fenômeno audiovisual. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 9, n. 3, p. 145-154, 2007.

DE LAURETIS, Teresa. **A Théorie queer et cultures populaires**. de Foucault à Cronenberg. Paris: La Dispute, 2007.

GOMES, Marcelo Salcedo. **Imagens midiatizadas**: comunicando a si mesmas. Porto Alegre: Sulina, 2012.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso.** Recife: CEPE, 2020.

HALPERIN, David M. The Normalization of Queer Theory. **Journal of Homosexuality**, vol.45:2-4, p. 339-343, London: Routledge, 2003.

INGRAM, Katherine M; *et al*.. Longitudinal associations between features of toxic masculinity and bystander willingness to intervene in bullying among middle school boys. **Journal of School Psychology**, v. 77, p. 139-151, 2019.

KILPP, Suzana. Imagens conectivas da cultura. *In*: KILPP, S; SILVA, A. R; ROSÁRIO, N. M. (Ed.). **Audiovisualidades da cultura**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo (SP): Editora Senac, 2000.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2ª ed. rev. e ampl; 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. (Série Cadernos da Diversidade, 6)

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia. Desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, Porto Alegre, jan./jun. 2009, p. 150-182

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades em mim**: autoanálise foucaultiana sobre homossexualidade infantil e corpo na ditadura. Salvador, BA: Labedisco, 2022.

MOIRA, Amara. "Monstruoso corpo de delito" (personagens trans na literatura brasileira). *In*: **Tem saída? Perspectivas LGBTI+ sobre o Brasil**. Editora ZOUK, 2020.

PICKETT, Brent. **Homosexuality**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2015.

PORTER, Rick. **Euphoria Renewed for Season 3 at HBO**. The Hollywood Reporter, 2022. Disponível: https://www.hollywoodreporter.com/tv/tv-news/hbo-renews-euphoria-season-3-1235087262/. Acesso em: 16 mar. 2022.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet**: the transformation of gay and lesbian life. New York: Routledge, 2002.

TRUJILLO, Gracia. Pensar desde otro lugar, pensar lo impensable: hacia una pedagogía queer. **Educação e pesquisa**, v. 41, n. 11, p. 1527-1540, 2015.

ZIGA, Itziar. **Devenir Perra**. Barcelona: Editorial Melusina, 2009.

Recebido em: 21/10/2024
Aceito em: 23/01/2025

ARTIGOS CIENTÍFICOS

INVESTIGANDO TABUS: O MAPEAMENTO DAS DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD) ACERCA DAS TEMÁTICAS DE IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE

INVESTIGATING TABOOS: MAPPING DISSERTATIONS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF GRANDE DOURADOS (UFGD) ON GENDER IDENTITY AND SEXUALITY THEMES

Danrvney Christian Monteiro dos Santos[1]
Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki[2]

Resumo: levando em consideração que temas considerados tabus na sociedade sofrem de um processo de invisibilização em todos os níveis de titulação, essa pesquisa tem como objetivo compreender como identidade de gênero e sexualidade se comportam nas dissertações nos programas de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no recorte temporal dos últimos 8 anos, ou seja, entre 2016-2024, se caracterizando como um mapeamento. A investigação ocorreu na Biblioteca Digital das Teses e Dissertações (BDTD) da UFGD, no Portal da instituição e em sites especializados dos cursos. Os resultados demonstram que das 1.341 dissertações defendidas nos 25 cursos de pós-graduação, apenas 96 tratam desses conteúdos examinados, alcançando 7,15%. Em suma, a presença de sexualidade e identidade de gênero nessa localidade é fundamental, visto que, promove a perpetuação do discurso anti preconceito para professores do Ensino Superior em formação.
Palavras-chave: Diversidade; Ensino; Educação Sexual; Pós-graduação; Preconceito.

Abstract: Taking into consideration that topics regarded as taboos in society undergo a process of invisibilization at all levels of academic qualification, this research aims to understand how gender identity and sexuality are addressed in dissertations in the postgraduate programs at the Federal University of Grande Dourados (UFGD) over the past 8 years, from 2016 to 2024, characterizing it as a mapping study. The investigation was conducted in the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) of UFGD, on the institution's portal, and on specialized course websites. The results show that out of the 1,341 dissertations defended across the 25 postgraduate programs, only 96 deal with these examined topics, representing 7.15%. In summary, the presence of discussions on sexuality and gender identity in this locality is essential, as it promotes the perpetuation of anti-prejudice discourse for higher education professors in training.
Keywords: Diversity; Teaching; Sexual Education; Postgraduate Studies; Prejudice.

1 Mestrando(a) no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECMat) na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologias (FACET) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Graduanda em Ciências Biológicas pela mesma instituição. Trabalha com identidade de gênero e sexualidade com metodologia do Estado da Arte.

2 Doutora em Educação Científica e Tecnológica - PPGECT pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Orientadora nos programas de Mestrado em Educação e Territorialidade (FAIND-UFGD) e Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática (FACET-UFGD). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interculturalidade Educação em Ciências (UFTM), Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências de Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Diversa (UFAM).

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) está situada no município de Dourados/MS, na Rodovia Dourados/Itahum, Km. 12, com Código Postal - 79801-015, onde foi fundada em 2005 com a segregação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, através da Lei nº 11.153, de 29 de julho de 2005. Nos tempos atuais, o regime administrativo da instituição foi estabelecido pela Resolução COUNI nº 163 de 2019 (Universidade Federal da Grande Dourados, 2024).

A UFGD desenvolveu o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), considerando as demandas sociais do município de Dourados, bem como, de outros em seu entorno, popularmente denominado Grande Dourados, alcançando um raio de aproximadamente 400 mil habitantes, totalizando 15% da população do estado do Mato Grosso do Sul (GUMIERO, 2019).

Segundo Santos *et. al.* (2023), com mais de 7 mil estudantes, a UFGD comporta 11 Faculdades, somando 34 cursos de graduação presenciais e 9 cursos com formação a distância - EAD. De acordo com o "Portal: Pós-graduação da UFGD"[3], no contexto da pós-graduação, a UFGD fornece 5 especializações, 25 cursos de nível mestrado e 11 de doutorado.

Sobre a pós-graduação o Ministério da Educação - MEC em seu "Plano Nacional de Pós Graduação (PNPG)" diz que a mesma tem por intuito: a construção de pesquisadores nas mais variadas áreas e localidades; melhoria no nível dos cursos disponibilizados; assim como, a qualificação profissional e pessoal de pesquisadores e docentes para o Ensino Superior, desenvolvendo e aplicando as suas pesquisas tanto dentro quanto fora da instituição (MEC, 1975, p. 12).

A pós-graduação pode ser classificada como *stricto sensu* ou *lato sensu*, levando-se em consideração a carga horária, volume, objetivo e abordagem de cada curso. O *lato sensu* é caracterizado por apresentar ser mais direto e objetivo, com objetivo de aprimoramento em conteúdos/temáticas específicas para a ação profissional, dentro desse tipo de pós-graduação, encontram-se as Especializações e o *Master Business Administration* (MBA's), onde a primeira pode ser vista em distintas áreas de capacitação, desenvolvendo habilidades e competências profissionais. Já a última, o MBA's, oferece discussões e conhecimentos acerca do mundo corporativo, vinculados principalmente com gestão de negócios e empresas (PUCRS Online, 2020).

Por outro lado, a qualificação em *stricto sensu* se estabelece como a forma exploratória da pesquisa, com a necessidade uma demanda de tempo maior, com 2 anos para a conclusão da dissertação do mestrado e 4 anos para o desenvolvimento da tese de Doutorado. Nesse aspecto, a pós-graduação em *stricto sensu* guia pesquisas e discussões com o intuito do avanço científico e da evolução pessoal/profissional (PUCRS Online, 2020).

[3] Disponível em: https://www.ufgd.edu.br/portal/cursos-pos-graduacao/index. Acesso em: 08 abr. 2024.

Bastos (2007) acrescenta que nos programas de pós-graduação nacionais, a abordagem em stricto sensu tinha como pilar a formação de pesquisadores.

Em suma, no Brasil a expansão das formações em pós-graduação não aconteceu de forma contínua, visto que, alguns contratempos ganharam destaque, como a falta de infra-estrutura adequada nas faculdades/universidades e as bibliotecas que não continham material que suprisse todas as pesquisas, entretanto, com o apoio de organizações como a CAPES, os programas de pós-graduação foram melhor estruturados, com a disponibilização de bolsas de estudo e permanência, fazendo com que os pesquisadores ficassem mais incentivados a realizar suas pesquisas (Saviani, 2000, p. 7).

Segundo Saviani (2000) os programas de pós-graduação em stricto sensu se fundamentam não unicamente pelos procedimentos metodológicos e os resultados da pesquisa, como também, visam o avanço do conhecimento e as discussões por volta da pesquisa. Assim, de acordo com Quirino e Rocha (2012) realizar levantamentos sobre um determinado é essencial para compreender como pesquisadores de uma localidade específica tratam alguns conteúdos, pois, muitos deles acabam silenciados e invisibilizados, como por exemplo, identidade de gênero e sexualidade, que ainda são tratados como tabus na sociedade e no campo da pesquisa, mesmo classificadas como temas transversais (Brasil, 2000).

Diante disso, o desenvolvimento dessa pesquisa pode ocasionar a quebra de preconceito voltados à falta de informação, podendo prevenir possíveis casos até mesmo dentro do ambiente de uma pós-graduação. Desta maneira, essa pesquisa visa investigar: Quantas dissertações (mestrado) em todos os seus programas de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) tem como objeto de estudo conteúdos voltados às temáticas identidade de gênero e/ou sexualidade no período entre 2016 a 2024?

A escolha deste tema de investigação, contendo a UFGD como local de análise, se justifica devido a sua relevância em ensino e pesquisa em Dourados/MS, nos municípios em torno e no próprio estado, visto que, foi avaliada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - Anísio Teixeira (INEP) do Ministério da Educação (MEC), considerada a melhor instituição de Ensino Superior do Mato Grosso do Sul, por meio do mais recente Índice Geral de Cursos (IGC), atingindo 3,6258 pontos (Universidade Federal da Grande Dourados, 2024).

Outro ponto que justifica a localidade de análise, é que em outubro 2023, o Prefeito da cidade, Alan Aquino Guedes Mendonça, com apoio de muitos de seus vereadores, entre eles, Juscelino Cabral (PSDB), sancionaram e postaram no Diário Oficial a Lei 5.073/23 criada por Juscelino, que pontua em seu Art. 1 “[...] Fica proibida a utilização de verba pública, no Município de Dourados/MS, em eventos e serviços que promovam, direta ou indiretamente, a sexualização de crianças e adolescentes [...]”. Nesse mesmo documento,

ainda ressalta no Art. 8 "[...] incluem-se nas proibições desta Lei, incorrendo nas mesmas sanções, a aplicação de ideologia de gênero e de linguagem neutra nas campanhas publicitárias, eventos, serviços públicos, materiais, editais, espaços artísticos e culturais, manifestações que envolvam a administração pública direta ou indireta, ou por ela sejam patrocinadas, quando destinadas ao público infanto-juvenil ou por ele possam ser vistas [...]", ou seja, agiram contra as paradas LGBTQIAPN+ no município, desta maneira, invisibilizando e negligenciando todas as problemáticas que os membros da comunidade sofrem (Dourados, 2023).

Diante disso, com a invisibilização das temáticas de identidade de gênero e sexualidade nas mais diversas esferas da sociedade, como as universidades, assim, essa pesquisa visa investigar: quantas pesquisas envolvendo esses temas são produzidas pelos mestrados da UFGD nos últimos 8 anos?

1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como as temáticas de identidade de gênero e sexualidade se comportam nas dissertações dos programas de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no recorte temporal entre 2016-2024.

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Mensurar a totalidade de dissertações defendidas na UFGD, bem como, em cada programa de pós-graduação no período de tempo entre 2016-2024;
- Quantificar e evidenciar as pesquisas que abordam as temáticas de identidade de gênero e/ou sexualidade nos programas de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no período entre 2016-2024;
- Averiguar qual programa de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) apresenta mais pesquisas defendidas envolvendo os temas.

1.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Essa pesquisa apresenta caráter qualitativo, dado que, sua representação numérica, mesmo que presente, ainda sim, não é o eixo principal da pesquisa, mas sim, o entendimento acerca de grupo social ou organização específica (Gerhardt; Silveira, 2009). González (2020) acrescenta que esse tipo de abordagem tem como intuito descrever, interpretar e superar circunstâncias educacionais e/ou sociais problemáticas.

A presente pesquisa se caracteriza como uma investigação bibliográfica por meio de um mapeamento das dissertações, com o objeto de análise sendo as dissertações defendidas nos programas de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Participaram desta pesquisa 25 programas de pós-graduação de nível mestrado, expressos no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 - Cursos de nível mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Nº	Mestrados da UFGD
1	Administração Pública em Rede Nacional
2	Agronegócios
3	Agronomia
4	Alimentos, Nutrição e Saúde
5	Antropologia
5	Biodiversidade e Meio Ambiente
6	Ciência e Tecnologia Ambiental
7	Ciência e Tecnologia De Alimentos
8	Ciências Da Saúde
9	Educação
10	Educação e Territorialidade
11	Engenharia Agrícola
12	Ensino de Ciências e Matemática
13	Ensino de Física - PROFIS
14	Ensino de Geografia em Rede
15	Entomologia e Conservação da Biodiversidade
16	Fronteiras e Direitos Humanos
17	Geografia
18	História
19	Letras
20	Matemática em Rede Nacional
21	Psicologia
22	Química
23	Sociologia
24	Zootecnia

Fonte: Autores (2024)

Essa pesquisa se expressa como uma investigação acerca da presença das temáticas de identidade de gênero e sexualidade nessas dissertações defendidas, no recorte temporal dos últimos 8 anos, ou seja, entre 2016-2024.

O levantamento ocorreu em três bases de buscas: (1) Portal da Universidade[4]; (2) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da UFGD (BDTD)[5]; (3) Sites especializados específicos de um programa específico.

Vale ressaltar que as atualizações desses cursos nessas plataformas são de responsabilidade da direção dos mesmos. A instituição foi escolhida por ser a Universidade Federal presente no município de Dourados/MS, bem como, o período de tempo foi determinado para que se discuta na contemporaneidade.

Como dito anteriormente, essa pesquisa se divide em 3 bases de buscas, Portal da UFGD, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da UFGD (BDTD) e os sites próprios de um determinado curso, pois, em alguns cursos o Portal da Universidade é utilizado para evidenciar suas dissertações defendidas, em outros por exemplo, é na BDTD, desta maneira, para alcançar um número maior de dissertações, essas possibilidades foram investigadas.

Outros dois pontos a serem destacados são: 1 - que quando um determinado curso não apresentar dissertações que tratam desses conteúdos, um "---" foi usado para representar a quantidade zero, o mesmo acontece em casos de uma não-atualização de um curso; 2 - O levantamento foi finalizado no dia 05/06/2024, deste modo, qualquer trabalho defendido depois dessa data não participou desta pesquisa.

1.4 SONDAGEM NO PORTAL DA UFGD

Ao adentrar no Portal, é possível observar todos os cursos de pós-graduação de nível mestrado da instituição, como visto na Figura 1.

[4]Disponível em: https://www.ufgd.edu.br/portal/cursos-pos-graduacao/index. Acesso em: 08 abr. 2024.
[5]Disponível em: https://bdtd.ibict.br/. Acesso em: 08 abr. 2024.

FIGURA 1 - Cursos de Pós-graduação da UFGD

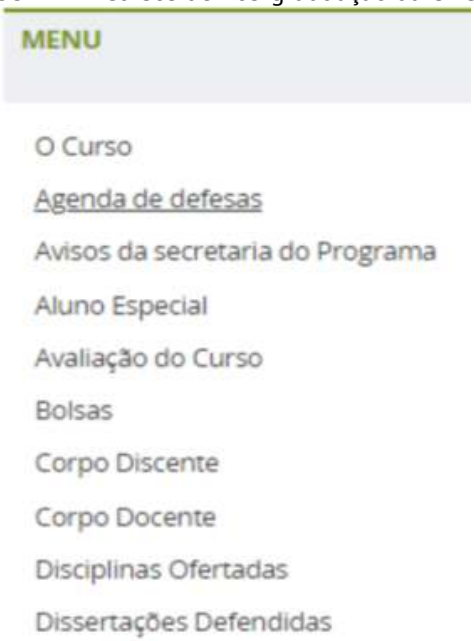


Fonte: Portal da UFGD (2024)

Em sequência todos os programas passaram pela mesma abordagem de 5 passos:

1. Seleção da aba “Dissertações Defendidas” no Menu do curso selecionado (Figura 2);

FIGURA 2 - Cursos de Pós-graduação da UFGD



Fonte: Portal da UFGD (2024)

2. Contagem das dissertações defendidas, respeitando o recorte temporal determinado;
3. Identificação das dissertações que trabalhem com conceitos de identidade de gênero e sexualidade nessas dissertações, com auxílio descritores: “gênero”, “sex”, “diversidade”, “preconceito”, “trans” e “LGBT”. Os descritores foram desenvolvidos de forma que abrangessem uma maior possibilidade de dados, por exemplo, “sex” é uma junção entre “sexual”, “sexualidade” “sexismo” e “sexo”;
4. Separação e leitura do material encontrado para a validação do mesmo, onde foram analisados os títulos, palavras-chave e resumos desses trabalhos, sendo essa a fase descarte de materiais não utilizados, por exemplo, os descritores “gênero” e “diversidade” podem encontrar resultados ligados com a taxonomia, uma área de pesquisa diferente;
5. Desenvolvimento do Quadro 2, referente aos cursos de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), evidenciando a quantidade total de dissertações em cada programa de mestrado da UFGD, o número de dissertações que contenha o objeto de estudo analisado e os títulos destas respectivas dissertações registradas.

1.5 SONDAGEM NA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UFGD (BDTD)

A BDTD permite observar dissertações e teses de diversas instituições espalhadas em todo território nacional, apresentando o número de pesquisas em cada categoria. Desta forma, o procedimento metodológico foi semelhante ao adotado no Portal da UFGD.Para facilitar as buscas, a BDTD disponibiliza filtros para facilitar o encontro de trabalhos.

Para a realização da pesquisa foram utilizados os filtros: “Tipo de Documento”, Instituição de Defesa”, “Bases Coletadas”, “Programa de Pós-graduação” e “Ano da Publicação”, no qual com exceção do quarto filtro, que precisava ser alterado a cada programa selecionado, os demais se mantiveram os mesmos durante todo o processo. Os 3 primeiros filtros se preencheram respectivamente com: “Dissertação”, “UFGD”, “Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFGD”, já o último, empregou-se “2016-2024” como período de tempo determinado (Figura 3).

FIGURA 3 - Filtros da BDTD



Fonte: BDTD (2024)

As demais etapas nessa plataforma, seguiram os mesmos passos do Portal da UFGD, iniciando com a contagem de dissertações defendidas dentro do tempo determinado, seguindo, para a identificação das dissertações que trabalhem com conceitos de identidade de gênero e sexualidade nessas dissertações defendidas nesse período, com o auxílio de descritores: "gênero", "sex", "diversidade", "preconceito", "trans" e "LGBT" nos títulos, palavras-chaves e resumos das dissertações, por fim, ocorreu a leitura e separação dos trabalhos encontrados, para assim, serem inseridos no Quadro 2, que contém a quantidade total de dissertações em cada programa da UFGD, o número de dissertações que contenha o objeto de estudo analisado e os títulos destas respectivas dissertações registradas.

1.6 SONDAGEM EM SITES PRÓPRIOS

Em casos em que um programa específico não disponibiliza suas dissertações na BDTD ou no Portal da UFGD, sites desenvolvidos pela gestão acadêmica dos cursos são utilizados para ilustrar suas informações, como o corpo discente e docente, editais de seleção, linhas de pesquisas e as dissertações defendidas.

Nesses casos, a sequência metodológica segue o mesmo padrão do Portal da UFGD, com uma sondagem na aba "dissertações defendidas" e o uso de descritores para a identificação dos trabalhos envolvendo os conteúdos analisados.

Deste modo, os mestrados que disponibilizam suas informações em sites próprios foram:

1. História - https://www.ppghufgd.com);
2. Educação e Territorialidade - https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4543?offset=20;
3. Matemática em Rede Nacional - https://profmat-sbm.org.br/dissertacoes/;
4. Ensino de Física - https://www1.fisica.org.br/mnpef/dissertacoes;
5. Ensino da Geografia em Rede Nacional - (PROFGEO) - https://www.profgeo.uerj.br.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) comporta 25 cursos de pós-graduação de nível mestrado e com o levantamento realizado, observou-se que durante 2016 a 2024 foram defendidas 1.341 dissertações, mesmo que com três (3) programas não apresentando suas informações atualizadas, como os mestrados em "Ciência e Tecnologia De Alimentos" e "Ensino de Física " e "Ensino de Geografia em Rede", deste modo, 22 programas contém suas informações renovadas.

Como visto no Quadro 2, das 1.341 dissertações, apenas 45 trazem questões de identidade de gênero ou sexualidade como objeto de estudo de alguma maneira, totalizando 3,35%, o que mostra uma problemática, visto que a participação incipiente

desses conteúdos corrobora na invisibilização dos mesmos, bem como, evidencia como uma instituição renomada trata essas questões de impacto social. Outro detalhe a ser destacado é que dos 22 cursos atualizados, 11 não apresentam nenhuma dissertação envolvendo as temáticas investigadas, ou seja, metade dos programas contém pelo menos uma dissertação englobando os temas.

QUADRO 2 - Publicações envolvendo Identidade de Gênero e Sexualidade nos mestrados da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

N°	**Pós-Graduação**	**Total de dissertações defendidas entre 2016-2024**	**Quantidade de dissertações envolvendo as temáticas de Identidade de Gênero e/ou Sexualidade entre 2016-2024**	**Títulos das dissertações registradas**
1	Administração Pública em Rede Nacional	72	—	—
2	Agronegócios	68	—	—
3	Agronomia	80	—	—
4	Alimentos, Nutrição e Saúde	20	—	—
5	Antropologia	37	1	1. "Quando corpo, gênero e saúde se encontram: algumas reflexões sobre os Itinerários Terapêuticos da Infertilidade Feminina no contexto Moçambicano".
6	Biodiversidade e Meio Ambiente	86	—	—
7	Ciência e Tecnologia Ambiental	38	—	—
8	Ciência e Tecnologia de Alimentos	6	—	—
9	Ciências da Saúde	67	8	1. "Associação entre trauma na infância e sintomas de depressão, dor e função executiva em pessoas que vivem com HIV - estudo transversal em amostra de um centro de referência no interior do Brasil"; 2. "Depressão e trauma na infância em pessoas que vivem com HIV: um estudo de coorte transversal"; 3. "Incidência de sífilis e HIV e avaliação do tratamento em indivíduos privados de liberdade do Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil"; 4. "Prevalência e variáveis associadas ao HIV na população indígena da reserva de Dourados – MS"; 5. "Prevalência da infecção causada pelo Treponema pallidum em mulheres assistidas nas unidades de

				estratégias saúde da família do município de Dourados/MS"; 6. "Prevalência e fatores de risco associados à infecção pelo Papilomavírus Humano em mulheres privadas de liberdade no Mato Grosso do Sul"; 7. Soroprevalência de sífilis em gestantes admitidas na maternidade do Hospital Universitário de Dourados/MS"; 8. "Sífilis em parturientes e recém-nascidos atendidos em um hospital universitário de Dourados-MS".
10	Educação	110	2	1. "(In)Disciplina e normalização: modos de ser e de agir como objeto de registros em livros de ocorrências de escolas de Dourados-MS (2011-2019)"; 2. "O Enunciado "Educação Sexual" em Escolas Estaduais de Naviraí - MS (1998-2021): História e Discursos".
11	Educação e Territorialidade	38	1	1. "A Importância dos cuidados na gravidez, parto e pós-parto das mulheres Guarani Kaiowá da terra indígena Pirakua, Mato Grosso do Sul".
12	Engenharia Agrícola	19	—	—
13	Ensino de Ciências e Matemática	14	—	—
14	Ensino de Física	2	—	—
15	Ensino de Geografia em Rede	—	—	—
16	Entomologia e Conservação da Biodiversidade	62	2	1. "A Escolha críptica do macho e o polimorfismo cromático de fêmeas em Ischnura fluviatilis (Odanata: Coenagrionidae)"; 2. "O Ritmo circadiano difere entre machos e fêmeas de flebotomíneos Nyssomyia whitmani (Diptera: Psychodidae) independentemente de variações climáticas".
17	Fronteiras e Direitos Humanos	62	5	1. "A Mulher nas Migrações Internacionais: a invisibilidade da imigração feminina paraguaia em Dourados entre 2011 e 2020";

				2. "As Vivências e o deslocamento de refugiados venezuelanos LGBTI+ para o Brasil e o acolhimento no município de Dourados, Mato Grosso do Sul"; 3. "Construindo com sabedoria: as dimensões de (re)existência dos LGBTI+ sem terra no Brasil"; 4. "O Feminicídio nas cidades-gêmeas fronteiriças do estado de Mato Grosso do Sul (2015-2021): do patriarcado ao trânsito em julgado"; 5. "Tráfico internacional de mulheres: fronteira Brasil/Bolívia, violência estrutural e a questão de gênero".
18	Geografia	105	2	1. "Geografias das Sexualidades: Desafios e Estranhamentos no Contexto Escolar"; 2. Migração e Gênero: Análise da Mobilidade de Mulheres Nordestinas de Satuba/AL para Dourados".
19	História	52	4	1. "A Trajetória de mulheres migrantes do Assentamento Itamarati I: relações de gênero e trabalho"; 2. "Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim: a Casa da Mulher Brasileira de Campo Grande - MS"; 3. "Entre os afazeres domésticos e as dicas de civilidade: as representações do feminino no periódico TRIBUNA (Corumbá, 1950-1959)" ; 4. "O feminino nos filmes de Pedro Almodóvar: um estudo de caso no filme "Carne Trêmula" (1997)".
20	Letras	100	6	1. "A Semeiosis na série Sexo e as negas, de Miguel Falabella: uma proposta de análise de imagens"; 2. "É Verdade que nós somos tantos?: visibilidade, violência(s) e afirmação da(s) identidade(s) LGBT no Brasil"; 3. ""Ideologia de gênero"?: o discurso sobre os papéis sociais do masculino e feminino apresentado no

				livro didático"; 4. "O Feminicídio em teses e dissertações entre 2009 e 2018"; 5. "(Trans)passando limites da violência: a masculinidade hegemônica e a identidade de gênero trans em uma mulher diferente"; 6. "Um tratado sobre a homoafetividade feminina em Copacabana Posto 6 – A Madrasta (1956) e Marcellina (1977), de Cassandra Rios".
21	Matemática em Rede Nacional	27	—	—
22	Psicologia	64	10	1. "A Vitimização Por Bullying Entre Adolescentes na Fase Inicial da Pandemia COVID-19"; 2. "A Análise psicossocial de adolescentes em conflito com a lei acusados de praticar abusos sexuais"; 3. ""Barba, Cabelo e Bigode": Uma Cartografia Sobre os Sentidos de Masculinidade em Uma Barbearia de Campo Grande - MS"; 4. "Bullying e Homofobia no Contexto Escolar: Concepções Homofóbicas de Estudantes do Ensino Médio no Mato Grosso do Sul"; 5. "Coletivo Empoderamento Feminino em Mato Grosso do Sul: Estudo Sobre Violência Contra a Mulher na Universidade"; 6. ""Imbrochável, Incomível e Imorrível": Uma Análise das Masculinidades a Luz do Discurso Bolsonarista"; 7. "Masculinidade e Homicídio no Divã: Uma Leitura Sobre o Matar e Nao Morre"; 8. "O Atendimento as Mulheres Indígenas Vítimas de Violência Sexual: Contribuições e Desafios da Psicologia"; 9. "O Olhar construcionista sobre a violência contra as mulheres nas práticas discursivas da psicologia"; 10. "Violência Doméstica e Familiar: Análise de Documentos na Delegacia de Atendimento à Mulher de

				Dourados-MS".
23	Química	54	—	—
24	Sociologia	70	4	1. "A "Ideologia de gênero" como uma prática discursiva tagarelade silenciamento: uma análise genealógica do projeto de Lei Escola Sem Partido"; 2. "A Discursividade da identidade cis: cartografias sobre a produção da natureza"; 3. "Ações afirmativas e heteroidentificação: análise dos recursos indeferidos em 2019, nos processos seletivos dos cursos de graduação da UFGD"; 4. "Gênero, sexualidade e direitos humanos: um estudo das políticas públicas de educação".
25	Zootecnia	88	—	—
	Total	**1.341**	**45**	—

Fonte: Autores (2024)

Dentre os 11 programas que apresentam registros, destacam-se os mestrados em Psicologia, Ciências da Saúde e Letras, contendo respectivamente 10, 8 e 6 dissertações defendidas envolvendo os temas, ou seja, o mestrado em Psicologia é o que mais contém defesas com os conteúdos, mesmo com a quantidade relativamente baixa.

As universidades públicas, por terem caráter laico, devem combater todas as formas de violência e discriminação, como pontua Freire (pág 70, 2010) "lutar contra a exploração, contra a discriminação, contra a negação de nós mesmos é um imperativo ético, a discriminação nos ofende enquanto fere a substantividade de nosso *ser*".

Um ponto para refletir é o mestrado em Educação, que em teoria deveria ser uma pós-graduação que tivesse pesquisas envolvendo temas considerados tabus na sociedade e que afetam e trazem a realidade psicossocial do corpo discente, como identidade de gênero e sexualidade, entretanto, a realidade é outra, já que das 110 pesquisas defendidas, apenas 2 abordam os conceitos nesse recorte temporal, semelhante acontece com o mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, que mesmo sendo um curso recente, criado em 2021, ainda assim, nenhuma dissertação que trate dos temas foi encontrada.

No mestrado em Ciências da Saúde, foram catalogadas 8 dissertações abrangendo as temáticas, onde abordam questões relacionadas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), como sífilis, HPV e HIV, relatando casos clínicos, causas e análises laboratoriais.

Por ser uma universidade pública, a UFGD precisa ter uma postura à frente de problemáticas presentes na sociedade, como o racismo, machismo, homofobia, transfobia, entre outros, sendo utilizadas como um mecanismo para a perpetuação dos direitos humanos, bem como, indo contra todos os tipos de descriminação. Chauí (2001) acrescenta

que as universidades públicas tem como objetivo sintetizar conhecimentos que beneficiem o meio social.

Nesse sentido, fica visível que a UFGD negligencia esses assuntos em suas esferas, não apenas invisibilizando as temáticas na pós-graduação, como também, na graduação, pois, segundo Santos *et. al.* (2023) "das 2.324 disciplinas fornecidas pela UFGD, apenas 60 dissertam acerca de identidade de gênero ou qualquer outra vertente dentro de sexualidade, totalizando 2,58% das disciplinas da UFGD", assim, elucidando a necessidade de mudança nesse cenário, bem como, alertando sobre essa realidade.

Segundo Figueiró (2006) para aplicar os conteúdos relacionados com sexualidade é essencial que o educador passe por um processo de reeducação, para assim, conseguirem criar ambientes de socialização desses preceitos, deste modo, é preciso inseri-los na formação profissional e em pós-graduação. Modka (2014) acrescenta que a institucionalização de uma pós-graduação, seja ela stricto ou lato sensu, traz pontos positivos, em virtude de que fornece espaços para refletir, estudar e debater em grupo conceitos da Educação Sexual e o discurso anti-preconceito.

Para Bastos (2007) a maioria dos cursos de pós-graduação não se interessam na formação de educadores como profissionais para o Ensino Superior, focalizando apenas na especificidade científica, onde ocorre a produção e reprodução de conhecimentos e/ou tecnologia. Todavia, esses cientistas ao se empenharem no cargo docente necessitam desenvolver saberes didáticos-pedagógicos com suas vivências, levando-os da sua realidade social para o trabalho, suprindo uma problemática presente no Ensino Superior, a formação de cidadãos profissionais. Então, os programas de pós-graduação precisam criar e fortalecer um ambiente que conecte os objetivos da pesquisa com as ações educacionais, uma vez que, é imprescindível a separação dos mesmos na experiência do pós-graduando.

De acordo Mokwa (2014), às temáticas de identidade de gênero e sexualidade precisam ser debatidas de forma integralizada, sem que ocorra fragmentação, invisibilização e/ou perpetuação de conceitos errôneos, portanto, precisando da sua implementação nos currículos não apenas das graduações, como também, em pós-graduação, especialmente nas que são vinculadas com a educação ou saúde, correlacionando com a UFGD, com seus como mestrados em Ciências da Saúde, Educação, Ensino de Ciências e Matemática, História e Sociologia, visto que, esses preceitos têm por objetivo principal a compressão e reflexão de vertentes humanitárias, preventivas e emancipatórias, discutindo esferas fundamentais dos indivíduos, como por exemplo: a psicossocial, física e a espiritual, assim, formando pesquisadores com visões críticas acerca de problemáticas bastante frequentes na sociedade, como a homofobia, transfobia, misoginia e machismo.

Uma última reflexão a ser considerada, é que alguns programas apresentam delineamentos ou linhas de pesquisa voltadas para os ambientes escolares ou para a licenciatura em si, como acontece com os programas em Educação, Educação e

Territorialidade, Ensino de Ciências e Matemática e Letras, e entres eles, o programa com mais dissertações encontradas foi o de Letras com 6 pesquisas, o que é preocupante e alarmante, visto que, não convergem com as pontuações de Paulo Freire em "Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação", onde pontua "[...] Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação e que a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia [...]" (Freire, 2019, p. 17).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, apesar da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) ser disposta de uma quantidade significativa de dissertações defendidas entre 2016-2024, ainda assim, o número de pesquisas envolvendo as temáticas de identidade de gênero e sexualidade são incipientes, uma vez que, apenas 45 trabalhos tratam de alguma forma esses conceitos.

A abordagem metodológica por mapeamento foi crucial no desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que, possibilitou de uma maneira mais aprofundada o entendimento de como esses temas são tratados nas dissertações da UFGD, assim como, auxiliou na compreensão da precariedade da participação dos mesmos.

Pesquisas que analisam e relatam como um determinado tema se comporta em uma instituição demonstra seu valor, pois, evidenciam para seus leitores, a invisibilização que os conteúdos considerados tabus sofrem, ainda mais, se a localidade da análise for a uma universidade reconhecida pela sua qualidade em ensino, pesquisa e extensão, como acontece com a UFGD.

No decorrer da análise, foi possível perceber que essas discussões não poderiam ser encerradas unicamente na finalização deste artigo, assim, que ultrapassem barreiras e alcancem as gestões acadêmicas dos programas de pós-graduação da UFGD, para que reavaliem suas condutas educacionais e que promovam uma participação mais integrada de identidade de gênero e sexualidade na universidade e em seus programas, com o desenvolvimento de suas disciplinas e nas linhas de pesquisas que poderiam ser voltadas a essas temáticas, para assim, criarem um espaço que incentive a promoção da igualdade e a desconstrução de preconceitos. Por fim, vale enfatizar a necessidade de que esse tipo de levantamento seja realizado por outros(es) pesquisadores e em outras universidades com seus respectivos programas de pós-graduação, para que se analise essa problemática em diferentes instituições.

REFERÊNCIAS

BASTOS, C. C. B. C. Docência, pós-graduação e a melhoria do ensino na universidade: uma relação necessária. **Educere et Educare**, p. 103-112, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

DOURADOS (MS): **Câmara Municipal de Dourados**: Lei nº 5.073, 2023. Disponível em: https://www.camaradourados.ms.gov.br/noticia/sancionada-lei-de-juscelino-que-impede-sexualizacao-de-menores-em-eventos-publicos. Acesso em: 17 set. 2024.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. São Paulo: Loyola, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **À Sombra desta Mangueira**. 9. ed. São Paulo: Editora Olho dágua, 2010.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D, T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-32, 2009.

GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155–183, 2020.

GUMIERO, R. G. Avaliação da expansão do Reuni UFGD no Mato Grosso do Sul. **Interações**, Campo Grande, v. 20, p. 989-1003, 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). P**lano Nacional de Pós Graduação (1975-1979)**. Brasília, 1975. Disponível em: https://1library.org/article/o-plano-nacional-de-p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o-i.zln77rrq#google_vignette. Acesso em: 09 abr. 2024.

MOKWA, V. M. N. F. **Estado da arte sobre sexualidade e educação sexual**: estudo analítico-descritivo de teses e dissertações produzidas na Universidade Estadual Paulista. 2014. 275 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

PUCRS Online. **Lato Sensu e Stricto Sensu**: diferenças entre os tipos de pós-graduação. Janeiro, 2020. Disponível em: https://online.pucrs.br/blog/lato-sensu-e-stricto-sensu. Acesso em: 09 abr. 2024.

QUIRINO, G. S; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, n. 43, p. 205-224, 2012.

SANTOS, D. C. M; LIMA, M. V. T; TEODORO, M. C. L; YAMAZAKI, R. M. O; BARATELA, V. G. L. **Identidade de Gênero e Sexualidade**: Como estão presentes na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). I SIES - Simpósio Interdisciplinar em Educação Superior. p. 7-18, 2023.

SAVIANI, D. A pós-graduação em educação no Brasil: trajetória, situação atual e perspectivas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 1, n. 1, p. 1-95, jan/jun. 2000.

Universidade Federal da Grande Dourados. **Cursos de Pós-Graduação**. Portal UFGD. Disponível em: https://www.ufgd.edu.br/portal/cursos-pos-graduacao/index. Acesso em: 08 abr. 2024.

Universidade Federal da Grande Dourados. **UFGD alcança a melhor avaliação de MS no Índice Geral de Cursos do MEC**. 11 de Abril de 2024. Disponível em: https://portal.ufgd.edu.br/noticias/ufgd-alcanca-a-melhor-avaliacao-de-ms-no-indice-geral-de-cursos-do-mec. Acesso em: 11 abr. 2024.

Recebido em: 12/04/2024
Aceito em: 25/09/2024

A TAXONOMIA DOS MAIS-QUE-ANIMAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA ANIMAL DOS DISCURSOS TRANS-PATOLOGIZANTES

THE TAXONOMY OF THE MORE-THAN-ANIMALS: A CRITICAL ANIMAL ANALYSIS OF TRANS-PATHOLOGIZING DISCOURSES

Isabelly Cabral[1]
Daniel Judá Lima de Oliveira[2]
Thalita Suyane Costa Silva[3]
Jailson José Gomes da Rocha[4]

Resumo: no intuito de construir uma ponte entre os feminismos decoloniais e os estudos críticos animais, apresentamos neste estudo a "Taxonomia dos Mais-que-animais", uma divisão taxonômica irônica criada com base em características bioculturais hegemônicas dos seres humanos, aqui exemplificadas pela homo/transfobia, mas com potencial discursivo para se expandir em outras características segregantes semelhantes. Esta divisão separa os zoo-seres em três categorias: Animais, Re-animais e Mais-que-animais, e servirá como uma metáfora para demonstrar a forma com a qual as pessoas não-cisgêneras são atravessadas por um processo de "Re-animalização" através do status de patologia designado pelos órgãos internacionais de medicina. Para tanto, foi realizada uma análise do discurso subjacente aos textos sistematizadores de diagnóstico: A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID - 11), e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - 5). Com o auxílio da metáfora da taxonomia dos mais-que-animais, foi possível identificar e explicitar os mecanismos sociais e discursivos que subalternizam as pessoas não-cisgêneras por meio de retóricas médicas, que, por sua vez, produzem e reforçam preconceitos e legitimam políticas públicas violentas em um contexto mundial.
Palavras-chave: despatologização; animalização; re-animalização; queer; transgeneridade.

Abstract: in order to build a bridge between decolonial feminisms and critical animal studies, we present in this study the "Taxonomy of More-than-animals," an ironic taxonomic division created based on hegemonic biocultural characteristics of human beings, here exemplified by homo/transphobia, but with discursive potential to expand into other similar segregating characteristics. This division separates zoo-beings into three categories: Animals, Re-animals, and More-than-animals, and will serve as a metaphor to demonstrate the way in which non-cisgender people are traversed by a process of "Re-animalization" through the status of pathology designated by international medical organizations. To this end, an analysis of the discourse underlying the systematizing diagnostic texts was carried out: the International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD-11), and the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5). With the help of the metaphor of the taxonomy of more-than-animals, it was possible to identify and explain the social and discursive mechanisms that subordinate non-cisgender people through medical rhetoric, which, in turn, produces and reinforces prejudices and legitimizes violent public policies in a global context.
Keywords: depathologization; animalization; re-animalization; queer; transgenderity.

[1] Graduada em Biotecnologia, atualmente mestranda em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, ambos pela Universidade Federal da Paraíba. Desde a graduação se especializa em temas relativos à Bioética e Estudos de Gênero em uma perspectiva transdisciplinar.

[2] Graduando em Biotecnologia pela Universidade Federal da Paraíba/Brasil, membro do Observatório de Bioética e Direito Animal (OBDA/UFPB).

[3] Mestrando pelo Programa de Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH) pela UFPB. Graduado em Psicologia pela Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina - PE.

[4] Docente da Universidade Federal da Paraíba; Coordenador do Observatório de Bioética e Direito Animal (OBDA/UFPB); Membro do Programa de Pós Graduação Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH/UFPB).

1 INTRODUÇÃO

O Naturalismo Ocidental (Descola, 2016), enquanto visão de mundo que atribui ao humano um espaço de primazia frente ao não-humano, supõe relações inscritas no dualismo Natureza/Cultura. Descola cria esta categoria partindo da noção ocidental hegemônica de que tudo o que é enquadrado como material/cultural/social é um pressuposto exclusivo dos humanos. Por consequência, aos demais seres, resta aquele espaço-tempo tido como inscrito na Natureza, como inferior, desprovido da dimensão do espírito, instintivo, animalesco. Como se a experiência humana, especialmente, em sua forma masculina, branca, heterossexual, cisgênera e europeia fosse *per se* "A experiência".

Desta maneira, a experiência não-humana, como descrita por Descola, é retratada ostensivamente como uma experiência de ausência, desqualificada. Há uma projeção ideológica das sociabilidades humanas como superiores às dos animais. A fim de denotar esta pretensão de superioridade, denominamos aqui, ironicamente, estes seres autoproclamados "superiores" como "mais-que-animais".

A ideia de que seres que não humanos são, por natureza, inferiores, e que, podem ser divididos sob a lógica de uma hierarquia de importância, é o que Peter Singer (2010) chama de Especismo. Esta categoria analítica, de acordo com a perspectiva do autor, pode ser comparada a realidades sociais como o racismo e a misoginia, que por sua vez, dividem porções sociais humanas na mesma lógica hierárquica, favorecendo o ideal de ser dos mais-que-animais.

Sob essa perspectiva, podemos traçar uma intersecção entre a ideia de inferioridade imputada aos demais zoo-seres[5] com quem dividimos o planeta, e as opressões sofridas por determinadas porções da sociedade humana, em especial pessoas dissidentes ao binarismo de gênero e à cisgeneridade.

Sendo assim, admitimos, para os fins desta pesquisa, que as pessoas não-cisgêneras passam por um processo de "re-animalização"[6], uma vez que reconhecemos que houve um processo histórico colonizador no qual o ser humano, foi discursivamente (Foucault, 1996) construído para se distanciar ontologicamente dos outros zoo-seres.

Entender este processo é entender que a transcendência do ser humano a um patamar superior, produziria um senso de igualdade entre os humanos (humanidade), e, por consequência, um preciosismo humanista aos moldes renascentistas levados ao pé da letra. Contudo, os interesses colonizadores dos corpos, dos saberes e dos seres (Quijano, 2005;

[5] Propomos a categoria "zoo-seres" com o objetivo de desestabilizar a dicotomia animal/humano para reconhecer a condição de animalidade dos seres humanos reinserindo-os na categoria biológica de animais.

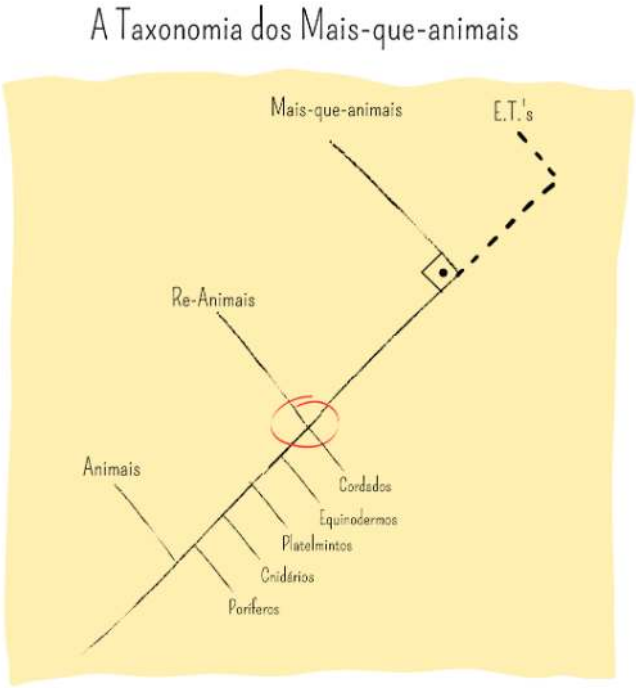
[6] Compreendemos que as pessoas subalternizadas passam pelo processo de "re-animalização", tendo em vista que seu valor social é visto como inferior, semelhante ao valor atribuído aos animais não humanos. Este processo complexifica sua experiência, tendo em vista que assumir suas identidades subalternas é também "perder sua humanidade" frente à ordem hetero/cisnormativa hegemônica.

Mignolo, 2017; Maldonado-Torres, 2008) transformaram a história ocidental humana em uma história de desigualdade, violência e eugenia[7].

Portanto, ao passo em que se transcende uma forma específica da existência humana (branca, europeia, masculina, heterossexual e cisgênera) ao patamar superior de "Mais-que-animais", se produz na mesma lógica hierárquica apresentada por Singer (2010) na categoria de "Re-animais" seres passíveis de violências institucionalizadas, tal qual os animais, com quem eles voltam a dividir o patamar de inferioridade, a medida em que não se identificam com as normas da sociedade que discrimina diferenças que são ontologicamente inalienáveis, sua carne, sua vivência, seu ser.

Dessa maneira, de acordo com o retrato biocultural[8] que encontramos na sociedade humana, podemos identificar três sub categorias de zoo-seres: os animais, os mais-que-animais e os re-animais. Esta taxonomia provavelmente não será encontrada nos livros de biologia, entretanto, com ela, objetivamos retratar mais fielmente a sociedade dos "mais-que-animais", o Naturalismo Ocidental (Descola, 2016).

FIGURA 1 - Árvore Filogenética dos Mais-que-animais



Fonte: Autores (2023)

[7] A Eugenia foi considerada um ramo de alto impacto da ciência biológica especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX, quando Francis Galton, seu criador, reuniu conhecimentos Darwinistas e Mendelianos em uma teoria que atribuia valores diferentes a indivíduos de origem diferentes, com base na crença de que a inteligência, força física, beleza, possibilidade de ascensão social e outras características subjetivas eram herdadas por indivíduos considerados "bem nascidos". Após os eventos do Holocausto durante a segunda guerra mundial, a eugenia perdeu força enquanto ciência, tendo em vista seu potencial destruidor como ideologia. Além disso, com o passar do tempo, a ciência genética desmentiu suas afirmações "científicas". Contudo, seu lastro de destruição e sua potência enquanto aparelho ideológico violento, seguem produzindo efeitos na sociedade até hoje.

[8] O termo Biocultural é uma maneira de agregar os significados de Natureza e Cultura em um único termo, a fim de suprimir a própria binarização especista do mundo, que reproduz um discurso baseado em uma lógica separatista entre humano e natureza.

A figura acima retrata um esboço de como estariam organizados os zoo-seres em uma árvore filogenética com base nos caracteres bioculturais humanos descritos anteriormente. Começando pela divisão já existente dos animais: Poríferos, Cnidários, Platelmintos, Equinodermos e Cordados. Nesta ordem obrigatoriamente.

A ordem é importante, pois, denota os níveis na hierarquia especista da taxonomia, que até aqui, não se diferencia em nada daquela ensinada nas escolas. Esta hierarquia é justificada por características físicas consideradas - pelos humanos - aquelas de maior evolução e justifica a organização "crescente" na imagem acima.

Na escola, aprenderíamos que os seres humanos são animais "Cordados", e, portanto, evolutivamente não poderiam ser separados em um novo Filo[9], como representado na imagem. Contudo, os "mais-que-animais", enquanto referenciais de superioridade, no mais alto patamar evolutivo, é marca de uma "licença poética" que tomamos para representar graficamente o fenômeno descrito anteriormente. Afinal, esta divisão já se dá juridicamente e epistemologicamente, por exemplo.

Em patamar de igualdade e destacado no desenho, temos os animais cordados (animais que possuem coluna vertebral), e os re-animais. Nesta categoria de re-animais, encontramos seres que poderiam ser enquadrados como mais-que-animais, entretanto, ao passar pela degradação sistemática descrita anteriormente, se encontram em patamar de inferioridade. Neste ponto de intersecção marcado na figura, o especismo encontra a Homo/Transfobia, a Misoginia, o Racismo e a Eugenia.

Um aspecto biocultural das abelhas, por exemplo, refere-se à forma como se organizam para a construção das suas colméias e, no caso dos bichos-preguiça, a maneira como promovem relações de mutualismo com bactérias e fungos para se manterem livres de doenças e parasitas. Em relação ao ser humano, o preconceito se tornou um aspecto biocultural que possui aptidão para ditar a ascensão ou exclusão dos indivíduos à ordem hierarquicamente dita "natural" de sua sociedade. Algo como o que diz Preciado (2014), quando fala sobre a exclusão sistemática dos corpos ditos erráticos a favor de uma sociedade com bases e valores hetero-cis-normativos.

Desta forma, estes seres ditos erráticos são involuídos compulsoriamente à categoria de re-animais, e, especialmente falando sobre a questão da não cisgeneridade, utiliza-se patologização, ou quaisquer desculpas que lhes pareçam "cientificamente" plausíveis, aos moldes da ciência eugênica para ratificar este status de inferioridade.

No século XIX, bastava uma menor circunferência dos crânios para se fazer o mesmo às mulheres, ou no século XVI, uma maior quantidade de melanina na pele para justificar a subjugação de povos inteiros a outros exatamente iguais. Por meio desta análise é possível enxergar como esta realidade não mudou durante toda a história humana.

[9] Um "Filo", é uma unidade taxonômica que agrupa organismos com características físicas, anatômicas, fisiológicas e evolutivas similares.

Aliás, foi a ideia de superioridade perante os animais, tratamento que hoje se estende aos que aqui denominamos de re-animais, que ofereceu sentido e passabilidade social às discriminações dentro da própria sociedade humana, ou como observa Lugones (2014), ofereceu um código de diferenciação, que dita quem é digno de ser humano, ou ao menos, de ser tratado como um.

Cabe aqui acrescentar que de cima de seu trono taxonômico, os mais-que-animais se sentem ameaçados apenas pela remota possibilidade de uma aparição alienígena (representada pela linha tracejada na figura) que poderia então lhes dar "xeque-mate" dentro de seu próprio jogo bélico, como assistimos dezenas de vezes nas mais diversas obras de ficção científica imaginadas pelos sapiens.

A partir disso, podemos refletir sobre a relação conceitual da "re-animalização" das pessoas não-cisgêneras com a negação do status de "sujeito de direito" aos animais, traçando um paralelo nítido entre os estudos de gênero e os estudos críticos animais. Para tanto, tendo ainda como base a observação de Lugones, de que o código de diferenciação humano/não-humano, fundamental para entendermos que o processo de animalização que se promove aos seres dissidentes, é parte de uma estratégia de Colonialidade do Ser[10].

Esta dicotomização hierárquica, faz a manutenção do poder nas mãos de uma porção social opressora que promove um processo de colonização das identidades, ao passo que bestializa, desclassifica e violenta os seres que diferem de si, seja humano ou não-humano.

Compreendendo a colonização do ser enquanto consequência da colonização do saber, constatamos que os mais-que-animais instrumentalizam a linguagem de forma a criar e perpetuar um senso comum parametrizado pelo preconceito, estratificando a população em existências permitidas ou silenciadas.

Portanto, ao longo deste artigo, utilizamos da Análise Crítica de Discurso (ACD) no intuito de explicitar as retóricas presentes em textos que regulamentam comportamentos que são considerados patológicos. Desta forma, ilustramos os mecanismos linguísticos com os quais outras formas de expressão das identidades de gênero são controladas pelas instituições sistematizadoras de conhecimento médico, tendo em vista que, por meio de um diagnóstico, estas instituições eliminam o risco de contestação ao biopoder[11] que exercem sobre todos os seres taxonomicamente previsíveis.

[10] A Colonialidade do Ser é um conceito cunhado por Walter Mignolo (2003) e posteriormente aprofundado por outros pensadores como Nelson Maldonado-Torres (2008), que a definem como um tipo de colonialidade proveniente das colonialidades do poder e do saber (antes descritas por Aníbal Quijano (2005)). Uma vez que segundo Mignolo (2003) apud Torres (2008), "as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo de que os seres humanos são, a colonialidade do poder e a colonialidade do conhecimento engendraram a colonialidade do ser." Portanto, ao promoverem um processo de colonialidade de coisas como o "poder" e o "saber", os mais-que-animais colateralmente colonizaram os outros zoo-seres ao seu molde.

[11] Biopoder é um conceito cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault. Trata-se de um poder que resulta do controle dos corpos com base em suas características e necessidades biológicas, a fim de submetê-los a uma lógica capitalista-liberal de existência.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Análise do Discurso (Resende e Ramalho, 2010) é uma ferramenta transdisciplinar que promove o encontro entre linguística, marxismo e psicanálise. Esta abordagem de análise de dados se propõe a coletar informações acerca do discurso “dito” e “não-dito”, presente no texto a ser analisado.

Note-se que norteamos o conceito de discurso para este trabalho em Foucault (2008), tendo em vista a seguinte análise:

> Todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um "jamais-dito", um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz (Foucault, 2008, p. 28).

Desta maneira, a Análise do Discurso (AD) entra como uma ferramenta capaz de trazer à tona os “não ditos” dos discursos, avaliando a virtuosidade dos argumentos. O modelo de AD escolhido é o modelo Tridimencional de Fairclough (2001), descrito por Ramalho e Resende (2004), no qual se divide a análise em três dimensões complementares: o Texto, que examina aspectos linguísticos como vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual; a Prática Discursiva, que aborda a produção, distribuição e consumo do texto, incluindo atos de fala (força), conexões ideológicas (coerência) e relações entre textos e discursos (intertextualidade e interdiscursividade); e a Prática Social, que explora os aspectos ideológicos e hegemônicos, avaliando como o discurso reflete e influencia disputas econômicas, políticas e culturais, além de carregar significados ideológicos por meio de palavras, metáforas e estilos.

A partir destas definições, analisamos minuciosamente discursos que regulamentam a patologização das identidades não-cisgêneras, relacionando suas origens com a lógica ocidental especista que re-animaliza alguns corpos humanos a favor da manutenção de um padrão único de existência. Dois textos sistematizadores foram escolhidos, a 11º versão do CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), e a 5ª versão do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Estes textos foram selecionados tendo em vista características como: aceitabilidade internacional enquanto referências para diagnósticos e definições de patologias. Fácil e livre acesso tanto às versões atuais, quanto às anteriores, permitindo uma análise que não se resumisse às versões atuais e ajudando na construção de um argumento sólido em diálogo com as versões anteriores.

Partindo da hipótese de que a patologização das identidades não-cisgêneras demonstrada nestes documentos é uma estratégia de re-animalização das existências dissidentes, a análise do discurso foi aplicada para identificar juízos discursivos que confirmam esta hipótese. Demonstrando o empenho de parcelas sociais em produzir e assegurar que tais existências são patológicas, argumentamos e sustentamos tal despatologização.

Para cumprir tal propósito, a análise do discurso se deu em três fases complementares. Note-se que as fases descritas a seguir não se limitam assepticamente às dimensões apresentadas por Fairclough (1992). Na verdade, cada etapa incorpora as três dimensões em diferentes momentos da análise.

A primeira etapa objetiva discutir os pontos além-texto, oferecendo um *background* sobre as instituições a quem são creditadas as autorias, situando social e temporalmente o texto aos moldes da crítica dialética de Marx e Engels (2007).

A segunda fase refere-se a utilização de um dos instrumentos metodológicos clássicos da análise de discurso, a Nuvem de Palavras. Esta forma de análise extrapola a discussão linguística, trazendo elementos visuais que auxiliam na forma com a qual se analisa o texto, explicitando as palavras mais recorrentes dentro dele no intuito de provocar o pensamento sobre a presença e a escolha dos termos utilizados com mais, menos ou nenhuma frequência. Com o auxílio desta ferramenta, objetivamos demonstrar padrões linguísticos que revelam as "pedras fundamentais" do discurso, ou seja, as ideias basais para a formulação do argumento de patologização e suas ideologias intrínsecas.

Por último, a terceira fase consiste na análise dos dados obtidos e no questionamento frente à memória discursiva que evocam. De Tílio e Calegari (2019, p. 2295) definem memória discursiva como tudo o que já foi dito sobre um assunto/ideia e acumulado, porém passível de esquecimento, pela experiência coletiva. Em outras palavras, com este conceito, buscamos explorar os interdiscursos escondidos, identificar práticas discursivas como eufemismos e hipérboles, que podem construir discursivamente comportamentos e tratamentos que reforçam as desigualdades sociais denunciadas.

3 FASE 1 DA ANÁLISE: RASTREANDO AS INFORMAÇÕES

No início da análise, constatou-se que o DSM e o CID são de autoria atribuída a instituições, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), respectivamente. Dentro do panorama da Análise do Discurso, vê-se este fato como uma manobra discursiva chamada "Blindagem Institucional" que de algum modo, protege os autores do texto de possíveis críticas através de uma despersonalização criada de maneira proposital, além de legitimar o discurso pela integridade que é atribuída à instituição, o que consequentemente, "blinda" os autores de diversas responsabilidades em relação ao discurso subjacente aos textos institucionais.

O conceito de Lugar de Fala discutido por Djamila Ribeiro (2017), abriu espaço para questionarmos a autoria do discurso sobre a necessidade de experiência pessoal da dita "patologia" para discutir o assunto em sua completude. Contudo, apesar de vozes com experiência do ponto de vista pessoal serem de imprescindível relevância, houve uma constatação de que esta própria demanda é prejudicada pelos moldes sociais que segregam suas existências.

Por consequência, a estas pessoas é negado o direito à voz e à participação ativa em decisões que tanto lhes afetam[12]. Isto ocorre por meio do que Aníbal Quijano (2005) denomina como "Colonialidade do Saber", uma nuance da Colonialidade do Poder, que determina quais epistemologias são dignas de respeito e quais vozes são dignas de serem ouvidas por meio de um critério aliado aos interesses branco, masculino, heterossexual e eurocêntrico.

Contudo, não se pode ignorar a capacidade de elucidação do tema por pessoas de diferentes lugares de fala, que dentro de sua própria perspectiva, contribuíram para a teoria *queer*[13], apesar de não falarem de experiência própria.

A partir disso, percebe-se a necessidade de abranger a discussão dos temas que tocam a humanidade nos mais diferentes âmbitos da vida, com as mais diferentes pessoas, uma vez que infelizmente, o destino das pessoas LGBTQIAPN+[14], raramente é determinado por pessoas pertencentes à comunidade. Isto ocorre graças à colonialidade e a centralização do poder nas mãos da elite hegemônica. Desta maneira, trazer a discussão à luz nos mais diferentes ambientes é também re+(des)+organizar a organização que legitima a cisgeneridade como norma que define os padrões de moralidade, família, sexo e gênero (Vergueiro, 2016).

Em adição, a construção de um texto que possui caráter normatizador é feita por membros de uma única instituição, não reconhecendo a pluralidade e provocando a despersonalização da discussão, que a partir de então, é julgada pelo senso comum e por tecnologias sociais[15] que são ostensivamente tratadas como "naturais".

Quanto ao público-alvo, os dois textos se diferenciam. No caso do DSM, são profissionais que realizam os diagnósticos dos "Transtornos Mentais" listados no conteúdo do manual. Já o CID, possui como público alvo representantes dos países-membros que subsidiam a OMS - países que por sua vez, utilizam o CID como texto-base para a formulação de seus próprios manuais e legislações derivadas da necessidade sistematizadora de cada caso específico.

[12] Embora seja tão complexa a subversão dos padrões que impedem estruturalmente a participação das pessoas não-cisgêneras à produção científica, pode-se destacar a representatividade a partir de autores como Letícia Nascimento, Viviane Vergueiro, Paul Preciado, Sofia Favero, Jota Mombaça e Akwaeke Emezi.

[13] Teoria queer diz respeito à uma corrente teórica que afirma que as orientações sexuais, identidades de gênero e diversas expressões do sexo são tecnologias sociais, portanto, não necessariamente intrínsecas à natureza de forma fixa conforme a ideia ocidental e binária de sexo e gênero.

[14] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Interssexo, Assexuais, Pansexuais, Não-bináries.

[15] Uma tecnologia social diz respeito a um dispositivo social que transforma a vivência de um indivíduo perante a sociedade. Paul Preciado (2014) descreve o gênero enquanto uma tecnologia social, através da qual a sociedade "decifra" o indivíduo encaixando-o na definição de "homem" ou "mulher" perante uma leitura fenotípica e/ou anatômica.

Em relação ao DSM, devido ao caráter mais específico do público-alvo, existe uma maior "liberdade" sobre as decisões tomadas pelos profissionais a quem o texto se dirige. Entretanto, sua influência está na reputação adquirida por osmose ao atribuir sua autoria à APA, o que confere um caráter de inquestionabilidade além de uma blindagem ética e jurídica aos profissionais que escolhem alinhar sua moral de trabalho aos conhecimentos inquestionáveis oferecidos pelo DSM.

O CID produz um efeito semelhante, contudo, sua influência é mais abrangente e produz resultados mais profundos na própria estrutura constituinte das normas dos países adeptos. Portanto, o CID possui um papel fundamental na institucionalização do preconceito, fazendo com que as ideias a ele alinhadas, sejam incorporadas em normas que consolidam o estigma da patologização.

4 FASE 2 DA ANÁLISE: SOBRE OS TEXTOS

4.1 NUVEM DE PALAVRAS

Partindo destas informações, propomos a "Nuvem de Palavras" como forma de análise. Essa põe em evidência as palavras que surgem com mais frequência no texto, e explicita a memória discursiva por trás dos termos mais recorrentes. Para a criação da seguinte nuvem de palavras, foram separadas do capítulo destinado à "Disforia de Gênero" do DSM-5 apenas as palavras repetidas pelo menos cinco vezes ao longo do texto, com exceção de elementos de coesão textual, organizados no formato de losango intencionalmente para alinhar as palavras mais frequentes no centro da imagem.

Algumas das palavras mais recorrentes no texto são respectivamente "Gênero" (235 vezes); "Disforia" (116 vezes); "Indivíduo(s)" (67 vezes); "Transtorno" (38 vezes); "Desejo" (27 vezes) e "Pertencer" (10 vezes). Além disso, diversas variações do verbo "Designar" aparecem 42 vezes. A seguir, serão apresentados argumentos que questionam a escolha das palavras específicas que se apresentam de forma recorrente ao longo do texto.

FIGURA 2 - Nuvem de Palavras a partir do DSM



Fonte: Autores (2023)

4.1.1 GÊNERO

"Gênero" é a palavra que aparece com maior frequência ao longo do capítulo. A repetição deste termo indica uma necessidade de reafirmação da tecnologia social de gênero enquanto norma vigente que dá coerência aos dados apresentados pelo texto. Sendo a própria existência desta "patologia" limitada pelos dados culturais performáticos que compõem/formam o que se conhece como "gênero", a repetição desta palavra ajuda a perpetuar a ideia do gênero como algo "natural" e básico, inerente à discussão, portanto, sua estrutura permaneceria inquestionável.

4.1.2 DISFORIA

Em seguida, "Disforia" foi a segunda palavra mais mencionada e parece ser a escolha desta versão do DSM para substituir palavras que diretamente sugerem a ideia de patologização, como "Transexualismo" e "Incongruência Sexual", utilizadas em versões anteriores e que, devido às críticas e polêmicas geradas que questionaram a credibilidade do texto, foram substituídas. Assim, identificamos a disposição dos autores em modificar a estrutura léxica do texto, embora ainda demonstre uma negligência com a memória discursiva que o texto evoca, não levando em consideração a taxonomia transfóbica dos mais-que-humanos e seu biopoder sobre os indivíduos re-animalizados.

Sendo "Disforia" o antônimo de "Euforia", o DSM o utiliza como forma de descrever uma sintomatologia que ele mesmo sugere, de que todos os que não se enquadram ao padrão cisnormativo, são acometidos de um sofrimento patológico inevitável. Na realidade, sabe-se que isso não pode ser generalizado, e não há comprovação de que esta disforia é patológica ou mesmo se é intrínseca a todos os casos. Dessa forma, o DSM cria esse estigma à população não-cisgênera, pautado em argumentos políticos/ideológicos e técnicos intencionalmente postos para ignorar a possibilidade de esta "disforia" estar relacionada a questões culturais e sociais de marginalização.

4.1.3 INDIVÍDUO

Sendo a marcação de gênero parte comum da língua portuguesa, o termo "indivíduo" revela uma tentativa de afastamento da necessidade linguística de identificar gênero, uma manobra linguística adequada para situações como esta, utilizada no intuito de respeitar as diversas identidades sobre as quais o texto fala. Contudo, este termo também provoca uma despersonalização e até mesmo reitera o processo de re-animalização, uma vez que em pesquisas e artigos científicos, os animais de laboratório são referidos como "indivíduos", uma forma de relembrar uma imparcialidade científica supostamente intrínseca ao processo, que ao fim, resultará no sacrifício do animal. Sendo assim, trazendo à tona a memória discursiva atribuída ao termo, pode-se detectar uma repetição dessa manobra persuasiva

que distancia o ser da palavra, com a falsa promessa de objetividade. Consequentemente a utilização deste termo traça um paralelo entre a cobaia animal e os re-animais patologizados, tornando ambos impassíveis de luto.

4.1.4 TRANSTORNO

A palavra "Transtorno" também se repete, sendo um indicativo da verdadeira intenção do DSM por trás das nomenclaturas eufemistas utilizadas previamente. Apesar de que, em muitas vezes o DSM utiliza termos como "disforia" e "sofrimento", por exemplo, para descrever identidades não-cisgêneras, a presença do termo "transtorno" denota a patologização por trás desses eufemismos, evocando a ideia de "perturbação" ou "inadequação. Isto não necessariamente é a realidade, uma vez que o fato de uma pessoa não condizer com a identidade e/ou gênero imposto que lhe fora designado, não indica nenhuma relação de causalidade com algum transtorno ou patologia. Na verdade, o que deve ser questionado - e tem sido de maneira intensa -, é o controle biopolítico e como este escolhe normas de existências específicas antes mesmo que o próprio indivíduo tenha noção de sua corporalidade. Tal controle sobre os corpos corrobora e reforça a pré-suposição de que estas normas são imutáveis.

Esta pré-suposição é peça chave para compreendermos a taxonomia do saber diante da óptica dos mais-que-animais. Aqui está a memória discursiva fundamental para promover sofrimento psicológico aos re-animais, fazendo com que estes se limitem à ideia cis e binária de gênero e se reconheçam como "transtornados". A ancoração do saber dos re-animais à cisgeneridade e ao binarismo de gênero é um dos fatores que limita suas escolhas durante a vida e os põe em alerta o tempo todo, provocando a tal "disforia" muitas vezes, não por insatisfação pessoal, mas por uma pressão social para esconder suas deformidades que são produzidas frente ao conceito subtrativo de gênero da taxonomia dos mais-que-animais.

4.1.5 (RE)DESIGNAR

Além disso, diversas formas do verbo "designar" aparecem, provocando a ideia de incongruência (palavra também utilizada 11 vezes) e que infere a existência de uma forma "correta" de ser. Portanto, sendo as identidades não-cisgêneras uma forma "incongruente" de ser, deve-se designar de volta à forma correta para que a pessoa exista de acordo com os padrões socioculturais do paradigma vigente.

A palavra "Redesignação" é uma das nomenclaturas utilizadas na medicina para definir o processo cirúrgico que constrói uma vagina a partir do pênis. No entanto, o DSM estimula um estigma de necessidade cirúrgica e de tratamentos hormonais para a "Designação correta" dos órgãos - tidos como sexuais - e gênero de uma pessoa não-

cisgênera, pois, seguindo esta lógica, esses órgãos sexuais estão exclusivamente ligados ao fenótipo definido socialmente como feminino ou masculino. Portanto, é possível que uma pessoa trans que tenha realizado a cirurgia de redesignação ou readequação sexual, tenha uma maior legitimidade social quando comparada às pessoas que não fizeram cirurgia ou não se hormonizam.

Esta ideia transforma o papel da cirurgia, que deveria ser de ferramenta opcional, em um caminho para a ratificação da norma - há pessoas trans que não desejam passar por processos cirúrgicos e/ou hormonioterapias, além de que há uma pluralidade de corpos que ultrapassam o binário. Para além da negação do poder de escolha, a cirurgia de "redesignação sexual" como é chamada, é uma cirurgia dispendiosa, o que restringe as opções de uma população marginalizada e mantém viva a indústria farmacopornográfica [16] sob o pretexto de não legitimação e segregação de pessoas que muitas vezes até gostariam de se submeter a um processo cirúrgico, entretanto, o acesso a estes protocolos médicos, tanto hormonais quanto cirúrgicos, são limitados por questões de classe social e falta de um sistema de apoio seja pessoal ou governamental.

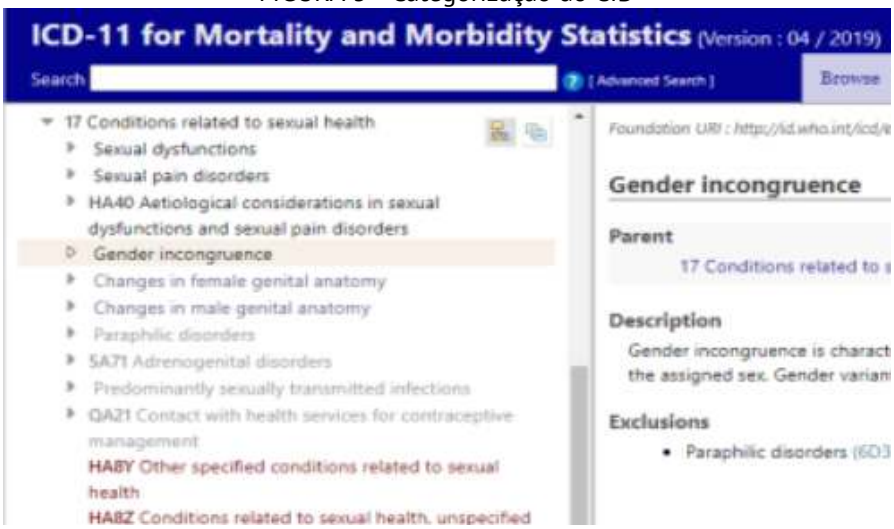
4.2 SOBRE O CID

Como discutido anteriormente, o CID difere bastante do DSM quanto à função. Por isso, seu conteúdo é apresentado de forma mais direta e concisa, o que diminui a utilização de manobras linguísticas que eufemizam a proposta de patologização. Isso se confirma pelo próprio título, que na versão do CID-11 (versão: 04/2019, acessada em 23/07/2020) se refere às identidades não-cisgêneras como "Incongruência de Gênero", revelando uma problemática evidente que reputa uma "incongruência" com a dita normalidade às pessoas não-cis.

Todavia, antes mesmo de chegar na sessão destinada à "Incongruência de Gênero", o interlocutor se depara com a categorização na qual está ela inserida, a de "Condições Relacionadas à Saúde Sexual".

[16] A Indústria Farmacopornográfica é como Paul Preciado (2018) define o conjunto de atividades mercantis alimentadas pela ideia hegemônica do binarismo de gênero. Tornando a ideia de "homem" ou "mulher", algo literalmente comprável, seja através de fármacos, procedimentos estéticos ou próteses, o indivíduo afirma sua identidade de gênero perante à sociedade binária e binarista, à qual ele quer pertencer.

FIGURA 3 - Categorização do CID



Fonte: Organização Mundial da Saúde (2024)

Uma problemática emergente nesta categorização, refere-se ao fato de que a identidade de gênero não está relacionada à saúde sexual, uma vez que esta última é relacionada exclusivamente com a prática sexual. Isto é, independentemente do papel sociocultural de gênero que este ou o parceiro deseje expressar, sua saúde sexual está apenas relacionada a esta pessoa praticar ou não atividades sexuais, assim como aos processos fisiológicos saudáveis consequentes, algo que não é intervido por sua identidade de gênero ou mesmo sexualidade.

Esta tentativa de "uniformização" que mistura os dados de "sexo" e "gênero" a favor de uma dita naturalidade, é algo extremamente criticado por biólogos, inclusive, que demonstram por meio de diversos exemplos naturais, que os fatos ostensivos sobre os sexos, naturalizados pelo ser humano (como o simples fato de que existem apenas dois sexos), são errôneos uma vez que a natureza apresenta uma gigantesca diversidade observada nos demais seres vivos. Assim, esta categorização chega a ser simplista diante de uma enormidade de genomas e corporalidades que dentro da própria espécie humana, biologicamente, não se restringem a XY ou XX.

Entretanto, o fato de o CID não levar em consideração esta multiplicidade sexual da natureza revela um esforço de controle farmacopornográfico da reprodução das corporalidades de que trata. Classificando as identidades trans como uma fisiopatologia relacionada à saúde sexual, abre-se precedente para confirmar a ideia de que os corpos não-cis são incapazes de regular a própria capacidade reprodutiva (Preciado, 2018 p.193), consequentemente, alinhando sua existência com a de animais, que além de serem ditos incapazes, são passíveis de controle por uma entidade biológica auto-entitulada superior, no intuito de satisfazer suas necessidades mercantilistas.

Dentro desta mesma categorização, o CID dá uma descrição geral do que seria a "Incongruência de Gênero" e posteriormente, a divide em duas categorias relacionadas à idade da pessoa a quem o "diagnóstico" se destina, fazendo esta divisão pautada na puberdade, e, mais uma vez, misturando dados relativos ao desenvolvimento sexual fisiológico com a identidade de gênero, considerando esta última como uma continuidade "naturalmente" cisgênera do sexo que lhe fora designado ao nascer. Desta forma, o CID cria um estigma que sexualiza a identidade de gênero, atrelando-a ao momento que os corpos passam por modificações que lhes permitem a reprodução. Isto demonstra a incapacidade de pensar o ato sexual, a sexualidade, o dado biológico "sexo" e a identidade de gênero de forma distinta, uma vez que, por mais que os quatro se interseccionem em certos momentos, não são codependentes, ou mesmo relacionados de forma obrigatória.

Para além da categorização por idade, a descrição geral oferecida pelo CID na sessão de "Incongruência de Gênero", revela duas explanações contraditórias. A primeira, é o fato de que o documento admite que o sexo é uma característica designada, quando diz: "A incongruência de gênero é caracterizada pela persistência marcada de uma incongruência entre a experiência de gênero e o sexo designado de um indivíduo." (CID-11, versão 04/2019, tradução própria, acesso em 24/07/2020). A segunda explanação é a de que "O comportamento e as preferências das variantes de gênero, por si só, não são uma base para atribuir os diagnósticos neste grupo." (CID 11, versão 04/2019, tradução própria, acesso em 24/07/2020). O problema desta última observação é o fato de que a própria descrição da dita patologia, é baseada em dados comportamentais performáticos que vêm de um *logos* binarista, sendo assim, esta observação é incongruente com a própria categorização patológica sugerida pelo texto. Algo que ratifica a contradição desta última observação é a sintomatologia listada na seção de incongruência de gênero na infância, na qual é dito que o fato da preferência por brinquedos e brincadeiras que são típicos do outro sexo é um critério para o diagnóstico.

5 FASE 3: DISCUSSÃO DOS DADOS

A necessidade humana de definir as existências de forma única, inequívoca, previsível e subtrativa é um projeto colonial de capitalização dos seres vivos, encaixando-os em categorias de corporalidades relevantes e portanto passíveis de luto, e outras desimportantes, portanto passíveis de necropolíticas[17] institucionalizadas.

Para exemplificar isto, podemos falar sobre duas biotécnicas corriqueiras na pecuária moderna. A primeira é a Androgênese de animais, em especial, espécies de peixes que são de interesse comercial. A Androgênese, segundo Santos (2017 p. 20) é um mecanismo de reprodução uniparental no qual a progênie possui material genético exclusivamente

[17] Necropolítica é um conceito cunhado pelo filósofo Achille Mbembe (2018), que trata do poder que um Estado tem de definir políticas de morte, ou seja, políticas que definem a possibilidade e/ou continuidade da vida das pessoas ativamente ou colateralmente de acordo com interesses políticos.

paterno. Isto produz como consequência, indivíduos “monossexo”, ou seja, todos os descendentes da androgênese são obrigatoriamente do sexo masculino, algo que da perspectiva da pecuária é vantajoso, tendo em vista que, em alguns casos, os indivíduos produtores de sêmen são mais valiosos.

A segunda biotécnica, é a Triploidia, que consiste na indução do aumento da carga genética de um ser vivo através de uma interrupção programada da divisão celular. Isto faz com que seja possível produzirmos indivíduos com menor ou nenhuma capacidade reprodutiva, entretanto com uma maior capacidade de conversão de alimento em matéria biológica de interesse comercial. Desta forma, ao eliminar o espaço ocupado pelos órgãos reprodutivos destes animais, ficamos com indivíduos maiores e que, consequentemente, resultam em uma maior quantidade de carne para fins alimentícios.

É no mínimo contraditório perceber que a mesma sociedade que cria e utiliza a ciência e a tecnologia para literalmente para biomanipular os conceitos de sexo e gênero em terceiros é a mesma que nega os direitos individuais de pessoas a seus próprios corpos e identidades. Afinal, tudo depende de quem controla e para que finalidade. Não é segredo q estas técnicas são utilizadas de forma ubíqua e até encorajadas no intuito de produzir um produto vivo padronizado para consumo. Em contrapartida, o uso de biotécnicas de transformação corporal em seres humanos é vista como uma perversão ou corrupção da natureza, mesmo que sejam para (re)designar o gênero de alguém dito patológico.

Esta contradição ocorre, tendo em vista que a sociedade mais-que-animal se vê como a epítome de desenvolvimento corporal. Para eles, o humano deveria ser considerado perfeito em proporções bíblicas e portanto não deveria se sujeitar a mudanças radicais de sua biologia dita “natural”.

Em contraste com esta necessidade de “naturalização”, outras formas de próteses de gênero (Preciado, 2018), ou seja, o uso de procedimentos, substâncias e comportamentos congruentes com o sexo designado no nascimento, são amplamente aceitos e desejados, sejam produtos farmacêuticos, cosméticos, próteses de silicone ou o livrinho de boas maneiras da vovó.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinar a configuração semântica destes textos referenciais, percebemos por trás do véu do academicismo dito imparcial, a conotação patologizante em textos que, à *priori*, tinham a função de ser um mero recurso sistematizante de condições relacionadas à saúde. Portanto, a presença das condições chamadas “disforia”, ou “incongruência de gênero" demonstram em si mesmas o *ethos* androcêntrico de que qualquer desvio do binarismo regente é doentio.

A despeito das mudanças[18] promovidas ao longo dos anos tanto nos textos do CID quanto do DSM, embora tenham notável influência das críticas promovidas pelos movimentos LGBTQIAPN+, não se pode afirmar que se tratem de mudanças drásticas e urgentes. Na verdade, em sua maioria, se tratam de mudanças linguísticas que eufemizam a violência promovida aos corpos dos quais se fala. Entretanto, é notável que ainda se limitam a defender a rígida norma hierarquizante, independente das novas nomenclaturas.

Isto, por si só, denota a resistência a críticas daqueles que constroem esses discursos. Contudo, é importante destacar que esta resistência se direciona apenas mecanismos "inválidos" segundo o método que retroalimenta a opressão. Mecanismos como a militância dos movimentos sociais, que, por retratarem a realidade de uma maneira que foge à atitude dita imparcial da metodologia científica, são, sistematicamente, ignorados e invalidados.

A mesma situação não se repete quando se tratam de críticas provenientes de discursos cientificistas progressistas, que repetem a opressão no intuito de contorná-la. Destes, originam-se as poucas mudanças que ocorreram nos últimos anos. Em adição, tendo em vista o apagamento sistemático das vozes dissidentes, encontra-se nesta situação a justificativa da demora do reconhecimento da importância das demandas sociais nos discursos científicos.

Em complemento à análise proposta, a metáfora da "Taxonomia dos Mais-que-animais" teve, por intuito, escancarar os códigos de diferenciação animal/humano/humano-subalternizado a fim de demonstrar, com base na premissa de Audre Lorde (2019), que "não há hierarquia de opressão", e que hierarquizar os seres é apenas mais uma armadilha que aprisiona os corpos e as mentes em uma existência colonizada.

Portanto, quando o sexo não for mais um critério de hierarquização de seres, a humanidade estará cada vez mais próxima de uma existência multiespécies não-segregante e contrária aos séculos de caça e extermínio às diversidades corporais, de raça, sexo, gênero e espécie.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre, Brasil: Artmed, 2014.

Descola, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas.** São Paulo: Editora, v. 34, p. 1914-1991, 2016.

De Tilio, R.; Calegari, G. B. Análise do discurso da patologização da transexualidade. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, 2019, p. 2292-2302.

[18] Mudanças promovidas ao longo do tempo pelos textos citados:
- DSM: 2° versão – Travestismo (1968), 3° versão – Transexualismo (1980), 4° versão – Transtorno de Identidade de Gênero (1994), 5° versão – Disforia de Gênero (2013).
- CID: CID-8 e 9 – Travestismo (1965 - 1975), CID-9 – Travestismo, CID-10 – Transtorno de Identidade de Gênero (1990), CID-11 – Incongruência de Gênero (2018).

Fairclogh, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

Foucault, Michel, 1926-1984. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 1996.

Lorde, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In*: **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro, Brasil: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-236.

Lugones, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

Maldonado-Torres, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista crítica de ciências sociais**, v. 80, p. 71-114, 2008.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2007

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

Mignolo, W. D. **Histórias locais-projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, p. e329402, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças para Estatísticas de Saúde e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11)**. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: https://icd.who.int/en/. Acesso em: 9 out. 2024.

Preciado, B. **Manifesto Contrassexual.** São Paulo, Brasil. N-1 Edições, 2014.

Preciado, P. B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo, Brasil. N-1 edições, 2018.

Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Ramalho, V; Resende, V de M. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. Campinas, Brasil: Pontes Editores, 2011.

Resende, V. Ramalho, V. C. V. S. **Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas**: implicações teórico-metodológicas**.** Linguagem em (Dis) curso, 2010. p. 185-208.

Ribeiro, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017

Roughgarden, Joan. **Evolution's rainbow**: diversity, gender, and sexuality in nature and people. London, England: University of California Press, Ltd, 2004.

Santos, Matheus Pereira dos. **Androgênese em Astyanax altiparanae**: Ferramenta de Reconstituição em Peixes (Tese de Doutorado) Universidade Estadual Paulista (UNESP) Jaboticabal, São Paulo, Brasil, 2017.

Singer, Peter. **Libertação Animal.** São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 2010.

Vergueiro, V. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial.** *In*: MESSEDER, S., 2016.

Castro, M.G e Moutinho, L., orgs. **Enlaçando sexualidades**: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero. Salvador, Brasil: EDUFBA, 2016.

Recebido em: 15/10/2024
Aceito em: 23/01/2025



REVISTA COR LGBTQIA+

ISSN 2764-0426